

KLEBER INÁCIO DA SILVA
WANDER OLIVEIRA MELO
(ORGANIZADORES)

Lendas do Folclore Regional

MORRINHOS — GOIÁS
2024

**COPYRIGHT 2024 © PRÁXIS EDITORA
LENDAS DO FOLCLORE REGIONAL**

PRODUÇÃO EDITORIAL

Editor:

KLEBER I. SILVA

Revisão:

AUTORES

Capa e diagramação:

HELENA MEDEIROS (Ramificando Designs)

Os autores desta obra detêm todos os direitos autorais registrados perante a lei. Em caso de cópia, plágio e/ou reprodução completa e/ou parcial indevida sem a autorização, os direitos do mesmo serão reavidos perante à justiça. "Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998."

Dados Internacionais De Catalogação Na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro)

SILVA, Kleber I. (Org.); MELO, Wander Oliveira (Org).
Lendas do Folclore Regional – 1ª ed. – Morrinhos/Go:
Práxis Editora, 2024.

ISBN: 978-65-84804-26-5

I. Literatura Brasileira 2. ficção.

CDD B869

Morrinhos - Go
2024

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho às nossas famílias, por estarem sempre ao nosso lado, dando força e apoio durante toda a caminhada e a todas pessoas que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que nós chegássemos até esta etapa de nossas vidas.

AGRADECIMENTO

Nossos singelos agradecimentos à professora e acadêmica Cleusa Marina Silva Freitas que, pelo apoio e pela amizade, gentilmente se dispôs a fazer uma leitura minuciosa, ajudando-nos na revisão final desta antologia.

Agradecemos de uma forma especial à Antônio Ávila, Cayto Divino, Cleusa Marina e João Afonso, por todo o apoio e incentivo cultural demonstrado em nosso trabalho e, por compartilharem conosco este sonho. Se não fosse à confiança de vocês, os nossos objetivos não seriam possíveis de serem alcançados. Mais uma vez o nosso muito obrigado!

PREFÁCIO

“Nenhuma ciência como o Folclore possui maior espaço de pesquisa e de aproximação humana. Ciência da psicologia coletiva, cultura do geral no Homem, da tradição e do milênio na Atualidade, do heroico no cotidiano, é uma verdadeira História Normal do Povo.” (CÂMARA CASCUDO, Luís da: **Contos Tradicionais do Brasil.**)

Por primeiro, tenho a honra de prefaciar a mais nova obra dos autores, diletos amigos e confrades Wander Oliveira Melo e Kléber Inácio da Silva, pessoas de escol, e em quem ombreio o duro peso da pena no lindo mundo da literatura. Sonhadores e lutadores pela cultura: um ficcional, o outro devotado à sensibilidade da poesia e dos causos. A sequência de quem é quem, fica com você, caro leitor! Fato é, que me é caro falar da responsabilidade e apego pela literatura, de ambos!

O folclore, essa tapeçaria vibrante que compõe a cultura de um povo, é um mosaico de histórias transmitidas através das eras; cada fio uma narrativa que molda identidades e visões de mundo. Este livro é uma ode à riqueza imaterial que se manifesta nos contos populares e lendas urbanas, uma celebração das tramas que, apesar de provocarem calafrios, são essenciais para desvendar a psique coletiva de uma sociedade. As histórias que se desenrolam nestas páginas não são simples; elas refletem as crenças mais profundas, os medos ancestrais, as esperanças mais fervorosas e os sonhos

mais audaciosos de um povo. Narram façanhas, descrevem criaturas que vagueiam na fronteira do real e do fantástico e revelam lições que, embora ocultas sob o véu da superstição, contêm verdades fundamentais sobre nossa existência.

Documentar o folclore de um povo é uma prática essencial para preservar a riqueza cultural e a identidade de uma comunidade. O folclore, que abrange lendas, músicas, danças, provérbios e costumes, é o reflexo vivo da história e das tradições de um povo, transmitido por meio das gerações. Ao documentar essas tradições, não só mantemos vivas as histórias e sabedorias dos nossos antepassados, mas também promovemos um entendimento mais profundo das raízes culturais que definem uma sociedade. Além disso, o folclore inspira artistas, escritores e músicos, influenciando a cultura moderna e enriquecendo a diversidade artística. Mediante a documentação do folclore, educadores podem utilizar esse conhecimento valioso como ferramenta didática, ajudando as novas gerações a compreender e valorizar sua herança cultural. Portanto, documentar o folclore não é apenas um ato de preservação, é também um meio de celebrar e revitalizar a cultura de um povo para o futuro.

Ao mergulhar neste livro, o leitor é convidado a percorrer um caminho iluminado por sombras e enigmas, a entender como as lendas se entrelaçam com os eventos históricos e como os 'causos' refletem as virtudes humanas. Cada texto é um convite à exploração do desconhecido e à reflexão sobre o que significa pertencer a uma comunidade. Mais do que um livro, é um portal para um universo em que o extraordinário serve de elo para o autoconhecimento e

para a apreciação das tradições que nos constituem. Que as histórias contidas aqui inspirem não apenas temor, mas também um profundo respeito pela habilidade humana de encontrar significado no indizível por meio da arte de contar histórias.

Mediante uma análise mais aprofundada, percebe-se que o folclore é também um campo fértil para teorias antropológicas e sociológicas, oferecendo *insights* sobre como as comunidades lidam com o desconhecido e o inexplicável. Teóricos do folclore argumentam que essas narrativas funcionam como válvulas de escape para as tensões sociais, permitindo que as pessoas expressem e processem seus medos e ansiedades de maneira simbólica. Além disso, o folclore pode ser visto como um instrumento de resistência cultural, preservando saberes e práticas que resistem à homogeneização imposta pela globalização. As lendas e mitos, portanto, não são apenas entretenimento; eles são um registro vivo da luta de um povo para manter sua identidade e autonomia cultural.

Este livro busca não apenas entreter, mas também educar para as questões do folclore e inspirar novos autores. Ele convida os leitores a olhar além do superficial e a reconhecer o valor intrínseco das histórias folclóricas como fontes de sabedoria e ensinamentos morais. Ao final da leitura, espera-se que o leitor tenha não só uma maior apreciação pelo folclore, mas também uma compreensão mais rica das complexidades culturais que dão forma à nossa humanidade compartilhada. Que as histórias aqui narradas sirvam de ponte para um diálogo mais amplo sobre identidade, tradição e

a incessante busca humana por significado em um mundo repleto de maravilhas e mistérios.

Boa leitura!

Prof. Dr. José Henrique Rodrigues Machado
Cadeira nº 10 — Academia Morrinhense de Letras
Doutor em Performances Culturais, pela Fac. Ciências Sociais da UFG
Mestre em História, PPGHIS/UEG
Especialista em Direito — Educação para a Diversidade e Cidadania,
UFG
Especialista em Linguagens, Suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho,
UFPI
Especialista em Matemática, Suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho,
UFPI
Especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do
Trabalho, UFPI
Especialista em Ciências da Natureza e o Mundo do Trabalho, UFPI
Especialista em Neurociência Aplicada à Educação, Faculdade Intervale
Especialista em Ciências da Religião, Faculdade Intervale
Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Faculdade
Intervale
MBA — *Master of Business Administration* Executivo em Gestão da
Psicologia Organizacional
Graduado em Artes Visuais
Graduado em Ciências Sociais
Graduado em Pedagogia
Graduado em Letras, Línguas Portuguesa/Inglês e Literaturas, UEG

SUMÁRIO

Mistério no Córrego Maria Lucinda.....	14
Santa Joana e Madalena à luz da lua cheia.....	17
É peta, só	23
Superstições educativas.....	26
Sexta-Feira Santa.....	29
Golpe ou Vingança.....	34
Virgínia e o Boto.....	40
Capeta, cabra, capiau.	54
A temida Sexta-Feira da Paixão	62
Sangue e Alma.....	66
O Amor Venceu.....	70
Minhas férias no sítio e a grande descoberta sobre o homem do saco.....	73
O Crepúsculo Dourado	80
O Encourado.....	96
Curupira e sua vingança contra os invasores da floresta.....	99
Tomando “parte” com o Cafuçu.....	102
A Lenda do Corpo Seco	106
A Quaresma.....	114
Conto folclórico.....	119
Autores e Autoras.....	123



Mistério no Córrego Maria Lucinda

Carmen Lúcia de Freitas Mendonça

Um Córrego Misterioso
banha a cidade de Morrinhos
e em suas margens
abriga várias espécies de animais.
As garças tomam conta das árvores,
e as araras dos buritizais.

As aves brancas parecem grandes bibelôs
como as louças que não são da China.
Dizem que elas ficam ofendidas
se as comparam
com aquela matéria que não é prima.
Elas têm penas finas,
vaporosas e leves,
verdadeiras e originais,
nem os chineses conseguem copiá-las,
só Deus sabe como faz.

Ao entardecer elas vem chegando,
plainam raso e vão pousando,
vão se acomodando, graciosamente se aquietam,
mergulham no silêncio
da longa noite dos mortais.
Mas há muito mistério,
ali no Córrego Maria Lucinda...



Naquele imprevisível e
esplendoroso lugar,
dizem que as araras,
de noite, se arrepiam
e os sapos coxam, coxam pra avisar,
surge por ali, uma enorme procissão!
Bem na beira do lago, parecem flutuar,
é muita gente de branco,
de mãos postas pra rezar.

E o córrego Maria Lucinda,
caudaloso que estava, começa a barulhar!
As aves não se mexem,
nenhuma sai do lugar,
ficam de olhos bem fechados
esperando a multidão passar.
Não se sabe se é de gente, ou espíritos andantes,
fora do lugar!
Quem quiser ouvir, então,
o Maria Lucinda gemer e até cantar,
tem que ir lá, à meia noite,
entrar na procissão, fazer cara de inocente e orar.

Mas, há um pequeno segredo
não precisam ter medo
dizem que são anjos em concentração,
silenciosos, caminham pra não despertar atenção!
Esta é uma história curiosa que todos precisam saber,
é do bem podem crer!!





Santa Joana e Madalena à luz da lua cheia

Camila Souza

Certa noite, Madalena caminhava apressada pela estrada de terra batida a fim de chegar à casa de seu Anísio e dona Teresa. Havia anoitecido mais rápido do que ela esperava e, agora sozinha no meio da noite, ela aumentava a velocidade de seus passos a cada som estranho que ouvia vindo da mata que rodeava a estrada. Não havia pegado lamparina e a iluminação pelo caminho era feita pela lua cheia que se expandia no céu. Ela ouviu um estalo próximo de si e se assustou trombando para o outro lado da estrada. “Devia ter ficado em casa!”, pensou Madalena enquanto se abraçava sentindo o ar frio da noite a envolver. Ela havia combinado de ajudar seu Anísio e sua esposa Teresa com alguns afazeres da casa que cuidavam como caseiros, já que o casal, com idade avançada, quase não tinha mais forças para fazer muita coisa.

Tudo estava indo bem até que ouviu, de repente, um uivo no meio da mata e o farfalhar de folhas e o som de galhos sendo quebrados. Olhou em volta procurando a origem do som, mas não encontrou nada. Voltou a caminhar tentando afastar de sua mente a ideia de ser outra coisa. Já ouvira e muito as histórias que o povo da vila contava sobre as noites de lua cheia e os perigos da mata, mas sempre teve consigo a ideia de que não passavam de apenas histórias. “Isso não existe”, pensou Madalena se lembrando do caso de seu Chico na vendinha, um dia antes. O homem contava sobre o

caso de uma jovem que havia desaparecido na noite de lua cheia e nunca mais fora encontrada. Havia encontrado partes do vestido que a jovem usava no meio da mata, rasgados, mas nenhum sinal da jovem. “Cuidado Madalena!”, havia ouvido de seu Chico, “Amanhã é lua cheia!”, o homem havia a alertado e rido em seguida.

— Querendo me passar medo? — Madalena havia respondido.

Soltou um riso frouxo enquanto as lembranças lhe cercavam e se enrolou mais ainda em seu poncho para afastar o frio. Aquela noite parecia mais fria do que o normal. Outro estalo foi ouvido, mas agora mais perto de si e quando Madalena se virou, percebeu uma grande sombra começar a surgir por entre as árvores e dois pontos vermelhos que pareciam olhos reluzirem em contraste com a luz do luar. Seus pés paralisaram por um instante e ela ficou sem palavras. “Que diacho era aquilo?”, pensava freneticamente, mas não conseguia se mover ou colocar em palavras. Sentiu seu corpo inteiro se arrepiar quando ouviu um rosnado cruel vindo da direção da sombra. Madalena sentiu seu coração batendo rápido e o sangue correr forte por suas veias enquanto observa, o que quer que fosse, começar a tomar forma na sua frente. Primeiro ela havia visto os olhos e, agora, garras estavam surgindo conforme a luz iluminava o corpo que saía das sombras. Pelos e garras. Madalena prendeu a respiração, certamente estava a ponto de infartar de medo e susto com aquilo. Seus olhos se encheram de lágrimas, lágrimas de medo porque, por um momento, na frente daquela presença ameaçadora, sentiu que sua vida estava por um fio e,

certamente, não sobreviveria ao que quer que acontecesse ali naquele momento. Estava a ponto de cair de joelhos, o assombro tomando conta de si...

— CORRE! — assustou-se com o grito de uma jovem ao seu lado.

Madalena a olhou horrorizada: “De onde havia ela havia saído?”.

— Corre se quiser viver! — a jovem gritou novamente e Madalena, num súbito segundo de coragem, pôs-se a correr seguindo a jovem que também corria logo a sua frente.

Madalena não se arriscou a olhar para trás, mas ouvia o som de algo correndo atrás de si. Podia sentir a adrenalina enquanto seus pulmões golpeavam fortemente dentro de seu peito, enquanto corria o mais rápido que podia.

— Pelo trieiro! — a jovem indicou a Madalena.

Madalena correu, correu como pôde. Já estava quase abandonando a mata quando sentiu um galho de uma árvore bater próximo aos seus pés. Ela viu o final da parte de mata se aproximando cada vez mais e a outra jovem agora parada no limiar da grande mata e a área de pastagem aberta que dava direto para a casa de seu Anísio.

— Siga em frente, Madalena! — disse a jovem assim que Madalena passou por ela rapidamente. — Não olhe para trás.

Madalena não olhou. Madalena apenas correu. Ao ver a casa surgindo logo à frente, uma onda de alívio começou a surgir dentro de si.

— Socorro! — gritou Madalena em direção a casa. — Socorro!

A jovem não parou de correr e ao se aproximar da porteira que ficava na entrada da propriedade, pulou-a como pode. Madalena tropeçou ao terminar o seu salto pela porteira e caiu no chão. Tentou se levantar rapidamente, mas suas pernas se embolaram na saia longa.

— Calma menina! — gritou Teresa ao tentar acalmar Madalena no chão.

— Ara, que que tá acontecendo, criatura! — seu Anísio perguntou afoito enquanto olhava em volta segurando uma lamparina.

— Eu não sei! — respondeu Madalena — A coisa saiu do meio do mato, correu atrás de nós. Cadê a menina? — ela perguntou ao perceber que a jovem que corria junto a ela não estava mais ao seu lado.

— Que menina? — Teresa perguntou enquanto ajudava Madalena a se erguer. A jovem tentava esclarecer as coisas, mas estava nervosa demais.

— Venha, querida, você está muito assustada, vou fazer um chá pra você se acalmar. — Teresa falou ao conduzir Madalena para dentro.

Assim que Madalena conseguiu se acalmar, tomando o chá, contou a Teresa e seu Anísio o que lhe acontecera no meio do caminho. Desconfiados da história, disseram que talvez Madalena estivesse cansada demais e acabou vendo coisas que não eram reais. Madalena sabia o que havia visto; um dia atrás estaria desconfiando também, mas agora que vira com seus próprios olhos, não tinha dúvidas. Mas, a grande questão era onde estaria a jovem que lhe ajudou.

— Hora de deitar menina, você tem que descansar! —
Teresa conduzia Madalena para o quarto.

Passando pelo corredor da casa, Madalena observava os porta-retratos na parede quando um em especial chamou a sua atenção.

— É ela! — Madalena apontou para o quadro de uma jovem moça, vestido azul de pé na frente da casa. — Foi ela que me ajudou Teresa.

Teresa e seu Anísio a observaram desconfiados.

— Ah, menina, não pode ter sido a Joana. — Seu Anísio afirmou com certeza.

— Claro que sim, eu a vi, ela apareceu bem na hora e me ajudou, onde ela está?

— Minha querida, isso não é possível, essa menina morreu já tem 10 anos. Era filha do dono da roça aqui, mas sumiu numa noite de lua cheia. — Teresa respondeu com pesar.

Madalena empalideceu. Olhou a foto novamente e sentiu como se seu sangue tivesse saído de seu corpo. Era a menina que a tinha ajudado, Joana era o nome dela! “Santa Joana”, pensou Madalena. A salvara de um final horrível. Naquele momento, Madalena entendeu que Joana a havia livrado de ter o mesmo fim que um dia ela tivera. Mesmo com medo, Madalena agradeceu em pensamento a ajuda de Joana e prometera a si mesma, nunca mais duvidar das histórias de seu Chico.





É peta, sô

Cayto Divino da Silva.

Era um dia inverno, tudo estava cinza, o frio batia nas frestas da janela e assobiava pelos quartos a dentro, já passava das 19h e todos estávamos afoitos para ouvir meu tio João Polino, nos gritar: "É peta, sô, olha os causos meninada!"

Sai menino de todos os cantos da casa, embrulhados em cobertas com os olhos arregalados, aguardando a nova prosa.

Com aquela calma de um bom caboclo, enrola seu fumo desfiando na palha, preparando a tragada, acendia sua binga e a brasa acendia a fumaça e espalhava, estava na hora da "contada", assim ele dizia:

"É peta, sô: Nois era bem petitico e adorávamos ir pros pagode, era gente a toda vista, um povo bão e trabaiadô, chegava ao fim dos mutirão era festa e muita dança.

Teve uma certa feita, que sucedeu em um pagode que nunca vou me esquecer.

Nois tudo no salão dançando e brincando, a sanfona abria o foli, ao som de "vem moreno pros meus braços (Luiz Gonzaga); adentrou pelo salão uma morena linda e faceira parecia uma pintura, Jeromo do pandeiro perdeu até a toada, Luizinho no violão errou o dedo e arrebitou uma corda.

O salão ficou em silêncio, ninguém se pronunciava, de tão linda que era a moça que por aquelas bandas andava.

Ela foi com um sorriso pro lado do Jerominho, sanfoneiro bom a ufa! Mas que perdeu o rebolado vendo

aquele anjo caminhar para o seu lado, se ouvia sua sanfona fazer: Ronc Ronc, de pego pra perna te rasto pro mato ,ronc, ronc.

Ela parou em sua frente e falou baixinho, vim te buscar, sua hora é chegada.

Devagarinho num desassossego foi deixando sua sanfona num cantinho encostando e suspirando disse na hora: "valei-me nossa senhora nessa hora taooo sofrida, gosto muito da senhora, mas ainda é cedo minha partida". E em um estalo como se fosse um raio saiu correndo pelo cerrado, sua camisa parecia a capa de super-herói, esticadinha para trás nem no lombo encostava.

Todos olharam para a moça esperando uma frase triste ou aborrecida, ela sorriu docemente dizendo: “gente, sou a Rosa, filha da dona Margarida, fui estudar na capital e voltei para relembrar meus tempos de criança que aqui vinha para brincar, estava chamando Jerônimo pra uma dança me acompanhar, mas acredito que outra coisa ele pensou que fosse ser. Ainda vejo que até hoje ele tem medo de morrer.” Deu uma risada muito gostosa e todos se aliviaram em reconhecer a moça que antes era uma menininha travessa e muito bonitinha.

Bom! O difícil foi convencer Jerominho a sair do mato, foram dois dias procurando o infeliz, que pensava que era a morte que estava por um tris, vindo buscar o cidadão, tocar e caboclo bão de grande coração, mas que nunca deixou de ter horror a essa situação.

Depois de muita luta e labuta ele entendeu que era um mal entendido que era a menina do amigo que queria fazer uma surpresa, lembrando sua época de pagode em que até hoje na memória é guardada aqueles toques e toadas que embalavam as noites do povoado.

Eitaaaaa louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo: para sempre seja louvado.

É peta, sô.”

Assim terminava mais um caso do nosso tio João Polino, homem bom e de grande sabedoria.



Superstições educativas

Cleusa Marina Silva Freitas (Cleusinha)

Minha bisa bem gordinha,
Com nome Maria Luiza,
Para os íntimos Mariquinha,
Viúva ainda jovem, com filharada pequena,
Resolveu na praticidade,
Os desafios da responsabilidade.

Quando ia contratar um serviçal
Para a lida da pecuária,
Numa entrevista programada
Observava o seu jeito na roupa que usava,
Se tinha em suas calças surradas
O traseiro roto — não contratava,
Mas com os joelhos puídos — era gente que trabalhava.

Na visita de família,
A alegria era contagiante,
E, no momento da despedida,
Ficava uma preocupante:

Não se varria a casa

Até que a visita chegasse de volta em sua morada.

Moral da história: descansar e organizar a confusão!

Os velórios daquela época,

Aconteciam nas casas.

Quando o enterro saía,

Vassouras varriam apressadas.

Sinal que o ente finado

Devia seguir confiante rumo aos braços do Pai,

Sem olhar para trás.

Mensagem: desapego.

Outro costume intrigante

Que ainda passo aos netos,

Não consigo ver sapato,

Com a sola para cima,

Corro logo e o desviro,

Porém, escondido no costume,

Que somente nos quer falar,

Que o melhor é organizar.





Sexta-Feira Santa

Edmo Nunes

Antigamente, principalmente no meio rural, o medo era quase que cultural. A criançada crescia escutando causos de assombração, de mula sem cabeça, de almas penadas, de almas do outro mundo, então não tinha mesmo jeito, era medo de tudo. À noite, ninguém ia à bica d'água sozinho e, muitas vezes, nem ia para a cama sem um acompanhante. Mesmo assim, ninguém ficava sem ouvir os causos que eram contados pelos mais velhos. À noite, reuniam-se todos, formavam uma roda, e o contador de estórias fantásticas tomava a palavra. Pronto, à medida em que o caso avançava, o menino arrepiava-se todo, mas não arredava pé, até porque o medo não deixava. Onde houvesse uma cruz fincada, tornava-se lugar proibido para a meninada e até para alguns adultos

Um dia, chegou à fazenda Gameleira um personagem diferente dos costumeiros no lugar. Chegou, pediu comida, em seguida pediu serviço braçal, e foi ficando. Falou seu apelido “Pereba” e não apareceu ninguém para indagar seu verdadeiro nome, nome da família. Nada disto foi-lhe perguntado. Foi ficando, até certo ponto bom de serviço, o que lhe rendeu a simpatia dos patrões. Pereba, embora já adulto, era muito amigo da criançada e trabalhava normalmente, conversava mais ou menos, mas notava-se que era meio “pancada”. Gostava muito de animais e tinha extrema vontade de ser peão, embora nunca tivesse entrado

num curral. Seu serviço era somente braçal capinando, roçando, fazendo o mais pesado. Quando via um peão montar um cavalo xucro ficava todo eufórico, chegando a babar, como diziam. Pereba gostava, mas não tinha coragem, principal ingrediente para um bom peão. Quando incentivado, fazia perguntas como se comportar, como dominar o animal e, de repente, resolvia experimentar, porém quando chegava a hora, cadê o peão. Dava-se um jeito de afastar-se e até sumir por algumas horas. Morava também na fazenda um peão muito bom na arte de domar, o Tônico do Horácio. Corajoso, esperto, arrojado em todos os sentidos e não tinha cavalo ou burro bravo que ele não desse conta e seu maior admirador não podia ser outro senão o Pereba. No início, Tônico do Horácio levou a sério as perguntas de Pereba, mas depois notou que estava era perdendo tempo e passou a conduzir o assunto como brincadeira. Foi brincando, ensinando tudo errado, até que achou uma maneira de colocar um fim no rosário interminável de perguntas.

— *Caso queira ser mesmo um peão de fama eu sei um jeito fácil.*

— *Quero sim, me ensina!* — respondeu Pereba.

Tônico do Horácio explicou que ele próprio tinha seguido aquele caminho. O segredo era numa sexta-feira santa ir a uma encruzilhada levando uma tralha de arreio. Colocava o arreio no chão, montava em cima com os pés nos estribos e aguardava dar meia noite. Neste horário, o “coisa ruim” aparecia em forma de um burro preto, entrava debaixo do arreio e saía pulando. Era só segurar firme que não cairia

porque o “*trem ruim*” ia querer somente ver a coragem do peão, nada mais. Depois disso, estava tudo arranjado, já saía dali um peão de primeira, como ele, Tônico.

— *E ocê feís assim?*

— *Claro! E foi somente uma vez. Se não tivesse feito, até hoje estava por aí caindo de qualquer cavalo velho.*

Pereba todo entusiasmado topou na hora e como não tinha tralha pediu logo emprestada a de Tônico. Coincidentemente, estava na quaresma, véspera da semana santa. Também tinha ali, não muito distante, ainda dentro da fazenda, uma encruzilhada, cujas estradas iam para outras fazendas. Havia também uma cruz fincada para lembrar a morte do antigo proprietário da fazenda que havia morrido ali mesmo. Diziam que ele sempre estivera ali para vigiar sua fazenda que fora vendida depois de sua morte. Apareceram muitas pessoas para confirmar e incentivar ainda mais o futuro peão. Apareceram para fazer a brincadeira pesada, mas ninguém para falar a verdade. Chegado o dia, a fazenda virou um reboiço. Todos queriam ver Pereba sair de casa carregando um arreio nas costas. Aí também não faltou quem dissesse “leva também o freio, o baixeiro também não pode ficar para traz”. Resultado: Pereba saiu mais pesado do que burro de carga, mas foi em direção à encruzilhada que ficava distante uns dois quilômetros. Chegando, preparou tudo conforme recomendado e ficou na expectativa de a hora chegar. Tônico do Horácio, que foi mais tarde um pouco, para pôr seu plano em ação, colocou-se atrás de uma moita bem espessa, a uma distância segura para não ser descoberto e deu

um zurrado como se fosse um burro e em seguida sacudiu no ar uma folha de bacuri que havia levado. A folha muito larga agitada com bastante força e rapidez, fazia um barulho como se fosse do vento assobiando e de tempo em tempo Tônico repetia o zurrado. Não precisou de mais nada. Pereba saiu em disparada, sem olhar para trás, deixando a tralha abandonada e somente foi parar quando chegou em casa. Também nunca mais falou em ser peão. O caso ficou conhecido na região, mas nem assim apareceu alguém para enfrentar a cruz e a encruzilhada em sextas-feiras, principalmente à noite.





Golpe ou Vingança

Edmo Nunes

Esses golpes que hoje inundam a internet e as redes sociais já existiam desde que o mundo é mundo, só que de maneira menos sofisticada e na base mais da “lábria”; mas sempre os mais espertos passando os mais crédulos para trás. Estórias que se tornaram folclóricas, inesquecíveis mesmo com o passar do tempo. Estórias que ficaram para sempre, até mesmo depois da vinda de outras gerações. Folclorismo que é plantado na região e cultivado pelos sucessores. Não há “tempo” que consiga apagar. Esta passagem narrada a seguir vem sendo cultivada de geração em geração. Ninguém quer que o assunto seja esquecido, não só para que sirva de exemplo, mas, principalmente, por tratar-se de folclore, até certo ponto, inusitado. Muitos moradores da região atestam que o “Chico” não existiu, que foi uma aparição, uma alma penada que andou pelo mundo em busca de vingança. Esses fazem lembrar que, tempos atrás, um fazendeiro da região teve seus bens tirados à força de sua posse por poderosos. Então, jurou vingança e que jamais daria sossego para os familiares de seus algozes.

Vejam só, lá pelos anos 50, século passado, quando aqui em Goiás até rádio era novidade, Chico do Ouro, vindo sabe-se lá de onde, já era considerado como uma pessoa que vivia às custas de golpes sujos. Golpista de primeira qualidade e, pelo que se sabe, nunca esteve nas mãos da justiça. Seu nome,

dizia ele, era porque garimpara uma enorme quantidade do metal em terras do Pará. Seu golpe, patenteado por ele, consistia, de maneira bastante simplória, enganar a quem lhe depunha confiança. Prestem atenção como ele saía-se bem aqui por Goiás. Para tanto, Chico mantinha um numerário suficiente que se dispunha a usá-lo, uma espécie de aposta, pois tanto poderia ganhar como perder.

Chegando ao norte goiano, hoje Tocantins, de pouca expressão e, de imediato, pôs-se em ação. Guiando um carro Chevrolet-48, bem apresentável, embora já bastante surrado, entrou no primeiro boteco que encontrou na rua chamada de principal, embora não tivesse outras ruas. Pediu refrigerante e disse ao proprietário que chegava do Paraná e queria estabelecer-se no município. Havia recebido boas informações da região e estava disposto a comprar uma boa casa de residência, uma fazenda de gado para empregar bem seu dinheiro que estava depositado no Banco do Brasil. Pagaria tudo à vista, não precisava de prazo e fincaria os pés na região, pois queria mesmo era desfrutar de seu capital e ter uma vida tranquila. Como parte de seu golpe, pediu ajuda, já que não conhecia ninguém e, desde já, agradecia a quem pudesse ajudar, ele vendeiro e qualquer dos presentes. E, mais, pediu a indicação de uma pensão onde pudesse passar alguns dias até que efetivasse as compras.

Para aguçar a mente dos bebedores presentes, falou bem alto para o comerciante que pagaria um “rodada” de bebidas para todos, que bebessem o que desejassem. Foi um alarido geral. Quem bebia pinga pediu cerveja; quem bebia cerveja

pediu vinho e assim todos olharam com bons olhos o chegante. Agora já considerado o novo morador.

Na pensão que lhe foi indicada, pois havia uma só, também falou alto, “rotou” a riqueza trazida do Pará e, num piscar de olhos, já era conhecido na vila inteira. Vila pequena, até muito pobre, estava a seus pés, mas sem uma casa digna de sua capacidade financeira. Todos os dias, chegavam novas ofertas de casas, mas todas eram descartadas. Queria coisa melhor. O mesmo acontecia com as fazendas. Também não punha seu carro nas estradas para olhar coisa alguma, alegando que o carro havia chegado até ali com um defeito, mas que a peça de reposição já havia sido pedida de Goiânia. Assim, o vendedor era obrigado a fornecer condução, se quisesse fazer negócio. Olhava uma, duas, três e não fechava com ninguém, sempre havia um defeito, um pequeno problema e assim foi levando. Dessa maneira, passaram-se 30 dias sem nada comprar, mas achou que já estava na hora de dar o bote. Na próxima visita, pôs em prática seus conhecimentos de bandido. Pediu menos, colocou algum defeito na fazenda, regateou, mostrou-se até descontente alegando que já vira coisa melhor, até que por fim, fechou o negócio. Como lá não tinha agência bancária, mostrou a necessidade de ir até a cidade mais próxima onde houvesse uma agência. Era Anápolis. Sempre bem falante, informou que aproveitaria a viagem para fazer contato com a família, fazer uma boa revisão em seu carro e ainda comprar uma camionete Chevrolet Brasil, veículo mais apropriado para a região. Aí deu o golpe final. O dinheiro que trouxera havia

acabado, estava devendo a pensão e então precisava de um empréstimo. Coisa pequena, quase que insignificante para o vendedor e também para ele, coisica de nada, dez contos de réis, nada mais. Falou com o fazendeiro, você empresta-me essa quantia, vou na viagem, uns 10 dias, se muito, procurarei não demorar mais e, na volta pago tudo com juros. Pode cobrar e aí pechinhou mais uma vez. Não vai me depenar cobrando juros extorsivos: 4 ou 5% tá muito bom para os dois lados. O fazendeiro, louco para fazer o negócio, montar no dinheiro da venda e mudar-se daquele oco de mundo, topou na hora. Passou dez contos de réis para Chico que anoiteceu e não amanheceu, nunca mais foi visto. Passaram os 10 dias, passaram 12, 15 e nada de Chico. Sumiu, exalou-se. Então começaram a aparecer credores. Um com mil, outro com dois mil e o fazendeiro com dez mil. E o Chico? Com certeza, estava já muito longe aprontando outras.

Grande parte da população local acreditou que o ocorrido não foi golpe, mas vingança por uma alma penada, já que a fazenda objeto da negociação era a mesma que fora, tempos atrás, tirada de seu legítimo dono. Até hoje, os atuais moradores da Vila não acreditam na existência do Chico; para eles, o Chico nunca existiu.

Sabemos que em toda cidade tem aquele personagem mais hilário, aquele que gosta de nutrir a desgraça do outro e, assim, foi que apareceu na entrada da cidade, fixada numa árvore, bem visível, a seguinte placa:

VENDE-SE DE UM TUDO

TRATAR COM QUALQUER FAZENDEIRO

Mas logo abaixo, dias depois, foi colocada outra placa com os seguintes dizeres:

O PODER PELA FORÇA
É SEMPRE MALÉFICO





Virgínia e o Boto

Francisca dos Santos Cruz Silva

Havia uma casinha um pouco longe da cidade, cerca de uma hora para chegar na casa, essa casinha era feita de tábuas fortes e madeiras bem resistentes, uma casa aconchegante que era gostosa de ver, cheia de plantas, e pássaros.

A rua que dava aceso a casinha era sem asfalto, tinha poeira quando era sol, e lama quando tinha chuva; próximo da casa, bem ao entrar, havia umas gramas e flores, flores de todos as cores, na casinha não faltava aquela sensação boa de liberdade, tinha bastante árvores ao redor, era frasquinho que nem de ar condicionado precisava, muitos bichos, galinhas soltas, vacas no pasto, porcos gordos, e recém-nascidos, e também os prontos para o abate. Ficava tudo limpinho, para a venda na cidade, carne de porco na lata, banha, e até linguiças, com pimenta, com queijo, galinhas, queijos curados, fresco, leite, tudo organizado, era dessa forma que a renda da família chegava, vendiam na feirinha da cidade e para alguns comércios, umas encomendas que pegavam toda semana.

Não tinham luxo, viviam sem cobranças, estavam felizes desse modo, as crianças estudavam em um povoado na escola perto de lá, dava para ir de pé.

Mas, lá tinha também, cobras venenosas, e as que não faziam mal nenhum, uns lobos que tentavam pegas as galinhas, mas Filó, o cachorrinho da família não deixava, e uns barulhos estranhos no mato, lá longe, na floresta.

Nessa casinha, morava seu Severino, sua esposa Carmem, os dois filhos do casal, José e Virgínia, os nomes dado aos filhos foram em homenagem aos avós, que deixaram as terras para seu Severino e seus netos, quando tivesse.

Um dia, já era de tardezinha, seu Severino estava guardando seus bezerros no curral, e levou uma picada de cobra; mas seu Severino, teimoso que só, não se permitiu ficar de cama, não queria adoecer de jeito nenhum, fez a limpeza com álcool e uns folhas de alecrim, que fez para usar nessas ocasiões. O álcool estava até curado com tanta folha e raiz dentro, sua esposa Carmem fez chás, cedo e de noite, e passaram uma pomada que comprou na feira, diziam que essa pomada curava tudo.

Seu Severino ficou alguns dias quieto em casa, amarrou um pedaço de pano na perna, e logo se curou; estava de volta, voltou a suas rotinas diárias, ele gostava de cuidar de tudo e não deixar nada faltar para esposa e os dois filhos, e honrava com seus compromissos da cidade e de pai.

Nessa fazendinha, tinha um rio, com uma cachoeira. Esse rio dava a volta atrás da casa de seu Severino e seguia para o mato, floresta adentro; seu Severino fez um desvio para os bichos beberem água, uma represinha e o rio continua seu trajeto, de encontro com outras cachoeiras, mais distantes de lá. Quase ninguém ia na floresta, ficavam somente pelas proximidades, pois as lendas que contavam, eram assustadoras, sacis, lobisomens, boto do rio doce, ninguém queria arriscar, ficavam por lá mesmo, cuidando dos animais.

Seu Severino soltava as vacas e as levava para beber água no rio, na cachoeirinha e voltava de tardezinha, era o programa favorito de José, adorava fazer companhia ao pai escutar suas histórias de lendas e de sua juventude.

Dona Carmem ficava cuidando dos seus queijos, linguiça de porco, para vender na feirinha da cidade, tratava das galinhas com a ajuda de Virgínia, depois fazia um cafezinho e um pão de queijo e conversavam, eram muito amigas, Virgínia sempre prestativa com sua mãe, gostava de ouvi-la.

As crianças ajudavam sempre com os deveres da casa, faziam com todo gosto, cuidavam do pasto, alimentavam os bichos, davam água. Gostavam de ajudar seus pais, para ao fim do dia sentarem todos à mesa para conversar e jantar.

Mas, estudar era prioridade para Dona Carmem, que só os liberava após todas as lições da escola estarem prontas.

Seu Severino acreditava nas lendas que contavam por lá, Dona Carmem também.

Seu Severino dizia que o Saci sempre assobiava no mato e que fazia trança no cavalo, colocou a culpa no Saci, por deixar a cobra picar a sua perna. Conversava sozinho, às vezes, como se o Saci ouvisse suas reclamações.

Seu Severino e Dona Carmem, sempre alertavam os filhos do perigo do rio, do mato à noite, longe da fazenda, pediam para eles, seus filhos, José e Virgínia ficarem sempre onde pudessem vê-los, apesar de já serem grandinhos, os protegiam com unhas e dentes.

José gostava muito de banhar no rio, porem só ia até aonde suas pernas não o deixassem afundar, tinha seus 12 anos.

Virgínia sempre brigava com seu irmão, mas o protegia e não deixava ninguém fazer nada com ele, principalmente na escola; se precisasse brigar para defender seu irmão Virgínia não pensava duas vezes. José não gostava que ela o defendesse, pois não queria que uma mulher o defendesse de seus problemas.

Virgínia cuidava dele com todo carinho, tratava como um bebê, e sua mãe sempre lhe pedia para que ficasse de olho no irmão e ajudasse no que precisasse.

E, para José, sempre pedia que olhasse sua irmã, pois tinha um rio e lendas falavam que no rio havia um boto que virava um lindo rapaz, de roupa branca e chapéu, muito bonito por sinal, que não deixasse ela sozinha, em nenhum momento, pois se o visse poderia se encantar por ele, era caminho sem volta.

E sempre sua mãe os alertava: “vocês dois, não fiquem muito tempo na água, principalmente a donzela Virgínia”.

Virgínia, que era a paixão dos garotinhos da vizinhança, nunca teve interesse em nenhum, esperava a pessoa certa, dedicava-se aos estudos e em ajudar os pais, juntava seu dinheiro para uma futura faculdade.

José, um dia, foi para o rio com seu cachorrinho Filó, pediu permissão da mãe, ela deixou, pois, Virgínia disse que logo ia encontrá-lo lá; já estava terminando seus deveres, após

ajudar a mãe com os queijos para venderem na feira ela iria, já era o último.

José sozinho no rio, com seu cachorrinho, conversa e falava para ele das lendas, seu cachorrinho somente olhava e latia como se dissesse sim.

Mas dessa vez o latido era diferente, filó queria avisa que tinha algo na água, José não entendia, até ver um balanço na água, como um redemoinho.

José estava as margens do rio, à espera de sua irmã, ela iria ensiná-lo a mergulhar.

Filó latia cada vez mais alto e, logo viu um salto, um movimento rosa, que deu um salto bem alto, jogou água no rosto de José e pulou na água novamente.

José esfregou os olhos duvidando do que tinha visto.

Pegou o cachorrinho no colo para protegê-lo, seja lá do que era aquilo na água, mas José que precisava de ajuda no momento.

Algo pegou o pé de José e o puxou para água, para o fundo. Por um momento José achou que ia morrer afogado, ele e seu cachorrinho. Mas, o mais surpreendente, foi que o aquilo rosa e macio, o pegou, jogou para cima dele, sem deixá-lo se machucar ou afogar, como se quisesse brincar, empurrou José para a margem do rio como se dissesse: “Vamos brincar? Não se assuste comigo, te ensino a nadar.”

O cachorrinho fez cara de assustado, não gostou da ideia de alguém pegar seu dono.

O boto já tinha intenções de conquistar José, para se aproximar de Virgínia; o boto sempre a observava no rio, mesmo que de longe.

Virgínia chegou para ficar com José, só um pouquinho, pois já era tarde e José precisava ir para casa, porém Virgínia foi logo mergulhando, entrando com toda vontade, de sentir a água pura daquele lugar, queria se refrescar um pouco.

José gritou que não entrasse.

Era tarde, pois Virgínia já estava bem no meio, perto da Cachoeirinha que tinha no rio; depois da Cachoeirinha tinha uma vista muito bonita, tipo umas cavernas, com luzes, quase ninguém passava dali, depois era água, até sumir de vista.

Então, o boto apareceu atrás de Virgínia, foi quando ela parou e disse: “Venha, José, não é fundo aqui!” O boto atrás dela, fez sinal para ele com a cabeça, vem, sem que Virgínia o visse, atrás dela. Virgínia nem viu, nem ouviu nada.

José gritou: Não!

Virgínia disse: “ Calma, José, já estou indo não precisa gritar.”

José entrou na água, com intenção de a protegê-la, pois sua irmã era tudo que ele tinha de mais precioso. E não queria um boto perto dela, ainda mais um boto, que nem se sabe se virava gente.

Mas José não sabia nadar, Virgínia ficou desesperada, e foi até ao encontro do irmão, para o ajudar, não deixar que se afogasse.

Mas, José não se afogou, o Boto foi mais rápido que Virgínia, queria causar boa impressão, colocou José em suas

costas, e o deixou até onde não tinha mais perigo, sem que Virginia o visse.

Virgínia ficou surpreendida e disse: “Como aprendeu a nadar, como chegou até lá?”

José não sabia como explicar que era o boto, disse: “É, estou praticando, eu e Filó, e falou para Filó: “estou bom, né, Filó, nessa história de nadar.”

Virgínia já estava fora da água, e estava bem.

José pensou, foi só um susto, ele lembrou de sua mãe, chegou a ouvir a voz da mãe: "Proteja sua irmã, no rio tem um boto, que vira homem, e faz as moças se apaixonarem por ele, não acredite em nada que ele disser".

José pensou, será que era esse homem, como golfinho?

Conversava sozinho no caminho de casa.

O susto passou e foram para casa.

Virgínia disse: “Quem chegar por último vai casar com o padre.”

E Filó ganhou a corrida.

Virgínia chegou em casa comentando para os pais que José estava bom em nadar.

Pegou-o nadando sozinho no rio. Disse que parecia até que tinha alguém o segurando.

José confirmou: “Eu estou praticamente bom já, só mais alguns treinos”.

Os pais se olharam, e pensaram, o que realmente aconteceu, imaginaram, que era o boto disfarçado, ou esperando o momento certo, para virar um homem.

Seu Severino foi pegar uma água e cochichou no ouvidinho da esposa: “Graças a Deus não foi nada grave, já estão em casa”.

Seu Severino disse: “Amanhã vou montar umas redes, quero ver esse boto com meus próprios olhos, se é realmente é o que dizem. Um golfinho ou um homem travesso”.

Carmem pediu que só olhasse, sem fazer mal, e mais atenção quando os meninos forem para o rio, não se deve fazer nada, Severo, não faz maldade com os animais, se ajudou José a nadar ele não faz mal para ninguém.

Seu Severino disse:” Depende do intensão, conquista o irmão talvez, primeiro, depois a irmã e a levá-la”. Dona Carmem: “Não, Severo, a lenda não diz isso!... “ Não quero ver minha filha de chororô por causa de nenhum homem” — seu Severino respondeu.

José entendeu o que falavam na conversa deles, Virginia não ouviu uma palavra.

E os meninos foram tomar banho e jantar, depois deitar.

À noite, sempre escutavam uns barulhos estranhos, e seu Severino sempre imaginava: “Lá vem ele, o Saci fazer bagunça na minha fazenda!” Mas, dormia tranquilo, pois sabia que nada aconteceria, era só o Saci tomando conta de tudo enquanto todos dormia.

José, antes de deitar ficou pensativo na janela olhando para a lua cheia e bonita, e pensando:” Será o boto, que vira homem e veio seduzir minha irmã?”

Quando olhou para o mato viu uma pessoa de chapéu, de roupa branca. Imaginou que fosse coisa de sua cabeça novamente.

Mas, o homem acenou, tinha na outra mão, uma rosa branca.

Acenou e entrou no mato, como se tivesse passado só pra dizer um “oi”.

José pensou: Melhor eu ir me deitar”.

Virgínia já estava no sétimo sono.

No outro dia, ao irem tomar café antes de ir para escola, José só pensava no boto, e no homem de chapéu.

Na cozinha, tomando café, Virgínia parou, deu um beijo no rosto do irmão e agradeceu pela flor branca que deixou ao lado de sua cama.

José não entendeu, mas sabia quem era, e só falou para Virginia: “De nada!”

Foram para escola, no caminho iam seguindo um rastro, e só tinham um pé. Logo José disse pra Virgínia:” Saci passou por aqui”,

Virginia disse: “Para de bobagem José, Saci e essas lendas que inventam por aí não existem”, Virgínia nem sempre acreditava nisso, em lendas de nada, só queria saber onde José achou a flor linda branca, que nunca tinha visto perto de sua casa.

Ele disse: “Achei próximo do rio”.

Ela disse: “Me leva lá quando voltamos para que eu possa ver elas?”

José disse: “Tudo bem!”

Enquanto iam a pé para escola, passou por eles um jovem novo, muito bonito de branco e chapéu, de bicicleta, quase atropela Virgínia, que gritou:” Presta atenção, cara!”

José correu atrás, mas ele sorriu, jogou uma flor da mesma de Virgínia e foi embora.

Virgínia pensou: “Uma flor igual à que você me deu”.

Você o conhece, José?

José disse que o viu próximo do rio, deve ter pego lá, mentiu.

Virgínia e José seguiram caminho, até chegar na escola.

O rapaz era um novo aluno, da sala de Virgínia, ela o olhou e o reconheceu que era o jovem que quase a atropelou. Mas, fingiu demência. Só observava, e pensava que homem bonito era aquele, e essa era a intenção dele, fazer com que ela o amasse intensamente, se apaixonasse. Para cumprir seu destino de boto, que vira homem de chapéu. Após isso, o rapaz ia embora, e deixaria Virgínia sofrendo, igual a lenda do boto diz.

Mal ele sabia que José era o obstáculo, então resolveu conquistá-lo, pensou em tornasse-se amigo, que ficaria fácil para o Boto.

Mais tarde, ao chegarem da escola, José desceu para o rio, com a desculpa de aprender nadar, disse para Virgínia.

Já volto, não se preocupe Filó cuidará de mim.

Virgínia sorriu: “Tudo bem?”!

Logo vou lá e você me mostra a flor, onde pegou.

José sorriu desconfiado, e só balançou a cabeça dizendo que sim.

Chegando ao Rio, José começou: “Aparece, seu boto, vou te mostrar a se aproximar da minha irmã, sei de suas intenções, meus pais me falaram de sua história, sei que é um aproveitador de donzelas, quero que fique longe de minha irmã.”

O boto apareceu, fazendo barulho de golfinho, José tacou pedra.

Disse: “Sei que foi no quarto da minha irmã, não gostei de sua invasão na minha casa.

E o desrespeito com minha irmã, não se aproxime dela. Ou ajudarei meu pai a colocar a rede para pegar você”.

O boto chegou bem próximo de José.

Foi saindo da água, José por uns instantes que olhou para Filó disse: “Pare de latir!” Quando olhou já era o rapaz, todo de branco, branco como uma luz.

Percebeu que era uma luz contagiante, e viu e disse: “Você é mesmo bonito”.

Penso que fique longe de nós, caso queira ficar na água, é só isso que permitirei.

O rapaz sorriu mais uma vez, disse: “Não posso mudar o destino das pessoas. Se ela quiser ter algo comigo não negarei”.

José se irritou, foi para cima dele, os dois caíram no rio, o rapaz em contato com a água virava boto.

Virgínia chegou, pulou na água, quis alcançar José, percebeu que tinha mais alguém na água. Os três embaixo da água, José preste a se afogar, o boto com o olhar para Virgínia.

Virgínia olhando fixamente nos seus olhos e vê o rapaz, o reconhece, através de seus olhos, como se fosse uma magia, pensou: “É você, o menino da minha sala, que foi um dia só. e depois sumiu”.

Virgínia não conseguia ir tão fundo.

Precisava tirar o irmão da água, Filó latia, queria salvar seu dono. Ia até a estrada e voltava com intenção de pedir ajuda.

Os pais percebem algo errado, vão até o rio, para ver o que é era que estava acontecendo com seus filhos.

Encontram José gritando socorro, indo e voltando do fundo da água, quase que conseguem tirar o filho.

Os sapatos de Virgínia estavam na beira do rio, e uma flor branca.

Já imaginam que o rapaz passou por lá, foi aí que começou o desespero dos pais.

Tiraram José da água, tentaram voltar a vida, já que José bebeu um pouco de água.

José voltou, disse que Virgínia estava na água com o boto.

O pai entrou na água para salvar a filha, o pai nasceu e cresceu no mato, na fazenda, a água não era problema para ele, nadou, nadou, nada encontrou, foi até a cachorrinha, chamou pela filha.

Lá atrás estavam eles, embaixo de uma umas pedras, como se fosse uma caverna.

Estavam lá, ela e o boto em forma de homem, bonito que só.

Como se estivessem numa dança, estavam tão juntos que mais pareciam um só.

Virgínia sorrindo como uma santa, feliz e radiante, enfeitiçada pelo encanto do rapaz, o boto, atrevido e malicioso, conseguiu o que queria, enfeitiçar Virgínia.

O pai a chamou, mas Virgínia não quis ir, o rapaz a olhava nos olhos, nem por um segundo Virgínia desviava os olhos dele. Se apaixonou rapidamente.

Era tarde demais, o pai temia, pensava: “aconteceu, não foi em um baile, não foi em uma festa, não foi na escola, nem nas matas, nem estrada, foi no rio, bem pertinho de nós, como se fosse destino, nada posso fazer”.

Virgínia disse: “Adeus papai, seguirei minha vida, com ele, não faça nada. Estou feliz, papai, não se preocupe comigo. Cuide de José, e da mamãe de Filo, e de tudo, eu quero ir, me deixe pai, é mais forte que eu”.

“Eu vos amo” — o rapaz com cara de sacarmos e vitória, tirou a filha da família.

Pularam na água infinita, brilhando os dois como o sol e arco-íris, era lindo de ver.

Como se fosse um só, segurando as mãos.

Mergulharam no mar.

O pai voltou para sua família, sem Virgínia.





Capeta, cabra, capiau.

João Pedro Martins Moura

Sua vida nunca mais foi a mesma desde a fatídica noite em que, por uma fração de segundos, abriu os olhos ao se assustar com o mugido d'um porco do mato e viu que as patas da égua do capeta soltavam faíscas ao roçarem nas pedras que formavam o caminho para o topo da serra de Caldas Novas.

Seu nome era José Campos de Nada: o primeiro sobrenome dedica-se à mãe, já o segundo vai para o pai, que nunca souberam o real nome. Trabalhava como chofer pro Adelino Oliveira, um dos senhores de fazenda de gado mais endinheirados lá pra essas bandas de Morrinhos, que hoje tudo não passa de indústria e lavoura. A verdade é que ele 'tava mais pra um faz tudo a um chofer, mas assim era mais chique. Carregava a filha do patrão daqui pra li; ia até os correios enviar uma carta de negócios e, às vezes, quem sabe, pediam a sua ajuda para laçar um garrote marruá, que o vendedor, na hora da compra, embromava que só: "Manso que nem cadela de madame.". Vivía assim-assim: muita labuta e pouca folga. Tanto era, que o arremedado barracão em que morava vivia esquecido entre as plantas que se enroscavam por toda parte: "Ficar em casa? Nem!". E a bicharada já havia entrado em consenso com o dono: as paredes de pau a pique eram das saúvas e lava-pés, os sabiás e bem-te-vis ficaram com as janelas e o telhado, e as cascavéis e traças rastejavam pelo chão de terra batida. Gostava mesmo era virar noites lá no

Presidente tomando aguardente e escutando no rádio as modas do Tonico e Tinoco. E dizia, com a língua enrolada, sempre na sua redundância : “Mais melhor que essa só aquela do Tião Carreiro.”, e todo mundo assentia com a cabeça como se soubessem qual era a música: “Só o sete pele pra te livrar dessa desgraça!”. Mas pensa num coração bom! Não era de ficar atazanando mulher por aí não. Se via uma, logo já tirava o chapéu: “Boas Tardes.”, porque assim educado foi.

Subitamente, certo dia, apareceu na casa de Adelino Oliveira sem aviso prévio. “Tava lá, em frente a porta aberta de uns dois metros e tantos com o cabelo penteado pra trás lambuzado com banha de porco (o que deixava mais evidente ainda a calvície dos seus quarenta e sete anos), olhando pra cara de descrente do patrão: “Que tu quer?”, “Tou é cansado dessa vidinha de Jeca. Separa 50 e tantas cabeça de gado, que te pago no mourão da porteira. Dá-me só três dias.”. E não é que o homem mudou de expressão na hora. “Vai ou quá?”, “No duro?”, “No duro!”. Topou. E o outro foi embora.

O patriarca quase que foi saltitando pra cima dos cinco filhos que estavam lá; mas, só com os que estavam presentes no testamento do velho, contavam-se doze, cinco homens e sete mulheres. Abriu a boca: “Fiz negócio, e dos bons. Amanhã vocês e mais dois peões vão me cercar aquelas novilhas, e aquelas quantas já mais maduras, e aquelas cinco que já ‘tão ‘mojando, e...” e o mais velho, cuspiendo o fumo que mascava no chão: “E quem é o abençoado?”, “Nem vão acreditar... o Nada!”, “Nem fodendo! Só se for balela.”, “Vai dar é em abacaxi, isso sim.”, “Abacaxi? Que nada. Disse que

ia pagar no mourão da porteira. Só se for muito Quarta-feira pra não cumprir o trato.”, “Verdade.”. Não deu outra, três dias e três noites depois José Campos de Nada, desta vez com a brilhantina cuidadosamente distribuída no cabelo tentando reproduzir um topete típico daquela gente das capitais, esperava na entrada da fazenda com um saco cheio dos Santos Dumont, Tiradentes e Cabral: “Trato é trato.”. E o Oliveira, com um sorriso estampado no rosto: “ Não disse, filho? No mourão da porteira!”.

Resultado: virou o novo Adelino Oliveira. E o povo inventava cada lorota: “Vai ver, morreu algum parente rico.”, “Ouvi falar que ele tem família lá pros lado de São Paulo.”.

Agora nem parecia mais o cachaceiro dos remotos “sete meses atrás”, ia ao Presidente só pra tomar uma ou duas doses de *Johnnie Walker* e ostentar o seu novíssimo *Cadillac* que passava ao lado das carroças e carros-de-boi, os únicos tipos de veículos de todo o povo murrinhense, inclusive da família Oliveira. A criançada salivava de achar bom ao escutarem o ronco do único motor de carro que existia nos tantos quilômetros quadrados que separava o município das grandes cidades e metrópoles, pois sabiam que quando ele passava era pirulito de caramelo pra toda turma. Paravam com a amarelinha, com o atirei o pau no gato-to-to , com a biloca e com os papagaios, pra fazerem uma roda ao redor de suas pernas, pedindo esmola: “Só mais um doce, seu Zé.”, e o outro, rindo: “Este foi o último.”. E as jovens só fantasiavam como o dia em que sentariam no banco de passageiro do *Cadillac*: “Se esse homem fosse meu...”. Enquanto os mais

velhos invejavam o sucesso do outro: “Sujeito dessa laia só pode ‘tá escondendo carço no angü.”.

Pois não é que esses últimos ‘tavam certos. Não deu três anos e José Campos de Nada já era outro, de novo. A mudança foi abrupta. “É o dinheiro que faz isso com as pessoas, deixa elas ruim.”, especulavam. Desses tempos em diante, começou a andar só com o 38 carregado com as oito balas no tambor, e calçando bota de cano alto que ele fazia questão em acompanhar com uma espora, mesmo fazendo meses e meses, que não montava num pangaré. Ganhou fama de matador. Não era raro ouvir histórias sobre genocídios em pequenas comunidades de ciganos, um índio morto encontrado aqui e acolá, ou um coitado que devia pra algum agiota com quatro dentes a menos na boca, sendo atribuídas a ele. Foi também nesses tempos que descobriram seus dotes para com a fertilidade, mesmo já estando no fim da idade de batalha (aquela conhecida pelos homens por ir dos dezesseis aos cinquenta e tantos anos). E não havia pai de família que não quisesse ver as filhas desonradas pelo próprio José Campos de Nada. Pagavam quanto fosse preciso. Dó devia-se ter das moças, porque, logo depois do ritual, ficavam jogadas, à mercê de algum bom samaritano as acudirem pelas vielas da cidade. Mas mesmo assim, quando ele gozava antes da hora e xingava: “Cão!”, elas sempre davam um sabão: “Ave Marial Não xinga esse nome feio não, que ele tem força.”, “Sei bem.”. Dessa época até o dia em que abotoou o paletó, deixou dúzia e meia de bastardos pelo Goiás.

Devia comemorar seus sessenta e sete anos de vida quando foi na casa do Mauro, filho do Oliveira, aquele que disse que ia dar em abacaxi, pra pitar e escutar moda de viola; quando abriu a boca: “Rapaz, preciso confessar algo que tem mais de ano que tá entalado aqui na minha goela.”, o outro: “Vai, conta.”, “A verdade é que pra todo lado que olho me aparece figura de gente morta, gente que matei e nem sei o porquê. “Tou achando que é o demo vindo pegar o que é dele por direito.”, duvidou da sanidade do velho: “Tá lelé? Do que ‘cê tá falando?”, “Lembra-te quando apareci com aquele mundo de dinheiro pra comprar gado do seu pai? Lembra? Tudo presente do capiroto.”. E contou que estava numa encruzilhada vazia quando clamou pelo seu nome. E contou que o diabo não é nada disso do que falam os textos mais antigos: pé de bode, chifre de touro, dentes afiados igual faca, olhos de jiboia, pele escamosa, cavanhaque comprido, e não sei mais quantas outras coisas. Ele vem é montado numa égua ferrada e selada, vestindo roupa de couro das mais grã-finas, capanga bonita, calçando aquelas botinas que no chão de madeira fazem toc-toc-toc, e sobre o cabelo liso-liso um chapelão daqueles de aba bem comprida que escondem o rosto. É tudo aquilo que alguém um dia almejou ser. E contou que não tem nada disso de assinatura no papel e na caneta, não passa de um simples aperto de mão. E contou que montou na garupa da égua do bicho e fechou os olhos, pois assim mandado foi. E contou que ficou tantas horas com eles fechados para quando os abrir, se deparar dentro de um cômodo lotado de cruzeiros esparramados pra tudo quanto é

lado, com cinco sacos de linha jogados num canto. E contou que quando saiu pela porta com quatro dos sacos cheios, dois de baixo do braço esquerdo e dois em cima do ombro direito, porque: “Deus me livre carregar um quinto”, acordou na sua cama com todo dinheiro disposto sob ela. E contou que o que-diga gosta é que não acreditem mesmo nele, pois assim toda culpa vai pro nosso bom Senhor. E contou que não é brincado não. E contou que é melhor ir catar coquinho e lamber sabão. E contou que, às vezes, tomava um chá-de-sumiço só para ir na chácara do bicho, que ficava pra lá de perto do Rio Piracanjuba, e escutar ele tocar as maiores, porque era gaiteiro, e dos top: “Se ‘cê ouvisse aquela sanfona acreditava em mim.”, “Vai nessa.”.

Acordou cedo. Enrolou um palheiro. Acendeu. Mandou a criada esquentar a água da banheira de cerâmica. Tomou banho. Ao sair da banheira quase que escorregou e bateu a cabeça na pia, mas ainda não era hora. Vestiu a calça nova de riscado, o paletó de linho branco, que até o mês passado, lá no campo ainda era flor; estava com essa música do poeta cearense na cabeça fazia cota. Deu um beijo triste na namorada, não quis foder. Pegou as chaves do bom e velho Cadillac. E foi ao barbeiro.

Escolheu o mais fuleiro possível, um tal de Divino: “Que tu quer?”, “Corte social, faz a barba. Sai quantos?”, “O corte é cinco, mas com a barba ficam sete.”, “Pois faça só barba.”. Ninguém soube o que o barbeiro foi fazer quando deu as costas, se era para pagar o aluguel atrasado ou se foi pegar uma lâmina nova para a navalha, não importa. Só se

sabe que quando o bendito se virou aconteceu algo que os avós se arrepiam até hoje ao contarem aos seus netos e netas: José Campos de Nada se degolou olhando no fundo dos próprios olhos que eram refletidos pelo espelho da barbearia; e não saiu nada além de sua alma, que nem própria era, pois pertencia a outro, desde a fatídica noite em que abriu os olhos.





A temida Sexta-Feira da Paixão

José Henrique Rodrigues Machado

Em uma Sexta-feira da Paixão, o Povoado de Marcelânia foi palco de um conto que até hoje arrepia os cabelos dos mais valentes. Dizem que, naquela noite, o céu estava tão negro que nem as estrelas ousavam brilhar. As ruas vazias ecoavam um silêncio sobrenatural, enquanto uma neblina espessa engolia lentamente as casas de taipa. Foi então que surgiu a figura de uma mulher vestida de branco, caminhando descalça pela praça central, seus passos mal tocando o chão. Os mais antigos lembram que ela chorava lágrimas que brilhavam como pérolas sob a luz do lampião, e seu pranto era de cortar o coração.

Ninguém sabia de onde ela vinha, mas todos sentiam um frio percorrer a espinha ao vê-la. Ela parava diante de cada porta, suspirando como se buscasse algo, ou alguém, que há muito se perdera. Naquela noite, os cães não latiam, e os gatos se escondiam; até os grilos silenciavam, como se prestassem homenagem àquela alma penada. A lenda conta que era a alma de Esmeralda, uma jovem que desaparecera naquelas terras há muitos anos, na mesma data, levada por uma paixão proibida que a consumira até não restar mais nada além de sua assombração.

Os mais corajosos tentaram segui-la, mas ela desaparecia como fumaça, deixando apenas o eco de seu lamento. Dizem que quem ouvia seu choro era amaldiçoado com uma tristeza

eterna, um peso no peito que nunca se dissipava. Na manhã seguinte, a neblina se dissipou, e a vida seguiu seu curso, mas o mistério permaneceu. Ano após ano, na Sexta-feira da Paixão, a figura de Esmeralda retorna, lembrando a todos no Povoado de Marcelânia que há coisas neste mundo que são tão misteriosas quanto antigas e que, alguns amores, mesmo depois da morte, nunca encontram repouso.

Naquela Sexta-feira da Paixão, enquanto a assombração de Esmeralda vagava, uma nova figura emergiu das sombras do Povoado de Marcelânia. Era Joaquim, o velho pescador, cujos olhos já haviam visto muitas marés, mas nada como a aparição que se desenrolava diante dele. Com passos hesitantes, ele seguiu a figura etérea, murmurando preces esquecidas. Ao seu lado, a jovem Ana, que com sua curiosidade insaciável, ansiava por desvendar os mistérios daquela noite. Juntos, eles observaram a dama de branco, cuja tristeza parecia tecer a própria neblina.

Enquanto isso, na estalagem, o forasteiro Tomás não conseguia afastar seu olhar da janela, capturado pela visão daquela que todos chamavam de Esmeralda. Ele, que viajara por terras distantes, sentiu um chamado inegável, uma conexão com a alma perdida que jamais poderia explicar. Decidido, ele se juntou a Joaquim e Ana, formando um trio improvável na busca pela verdade.

No meio das ruínas estreitas, eles seguiram o lamento da assombração, cada passo um desafio à razão. A velha Helena, a tecelã, juntou-se a eles, trazendo consigo histórias de gerações passadas, sussurrando sobre o amor trágico que

prendia Esmeralda àquele lugar. E foi sob o olhar atento de Helena que a figura de branco, finalmente, voltou-se para eles, seus olhos refletindo uma dor imortal.

Eles se aproximaram, corações palpitantes, enquanto Esmeralda começava a se dissipar na bruma crescente. Foi então que um jovem casal, Carlos e Isabela, apaixonados e destemidos, emergiram da multidão que se formara, decididos a confrontar o passado que assombrava suas famílias há gerações. Unidos, os cinco moradores de Marcelânia enfrentaram a névoa, cada um carregando suas próprias esperanças e medos.

Conforme a madrugada se aproximava, a figura de Esmeralda tornou-se mais nítida, e com ela, uma revelação surpreendente: ela não estava sozinha. Ao seu lado, uma silhueta masculina começou a tomar forma, e a lenda de um amor proibido ganhou um novo capítulo. Era ele, o jovem amante de Esmeralda, que retornara para buscar sua amada, para que juntos pudessem encontrar o repouso eterno.

Com a chegada do amanhecer, a assombração de Esmeralda e seu amante desapareceram, deixando para trás um Povoado de Marcelânia transformado. A lenda de Esmeralda agora tinha novos personagens, testemunhas de um amor que transcendeu o tempo, e a certeza de que, em cada Sexta-feira da Paixão, o passado e o presente se encontram, tecendo juntos os fios de um conto que nunca se encerra.





Sangue e Alma

José Henrique Rodrigues Machado

Há muito tempo, em um pequeno vilarejo no coração de uma densa floresta, viviam duas crianças, Ana e Pedro. Órfãs e abandonadas desde tenra idade, suas vidas eram marcadas por uma solidão imensa e uma necessidade constante de sobreviver. Sem pais ou família para cuidar deles, os dois irmãos se apoiavam um no outro para enfrentar os desafios da vida.

Ana, com seus cabelos negros como a noite e olhos brilhantes como estrelas, era a irmã mais velha, com seus 10 anos. Desde que seus pais haviam partido, ela assumiu o papel de protetora e guia de Pedro, que tinha apenas 7 anos. Apesar de sua pouca idade, Ana era a única âncora na vida incerta de Pedro, e ele a via como um raio de esperança em seus dias sombrios.

A sobrevivência deles dependia da generosidade ocasional dos aldeões do vilarejo. De tempos em tempos, algumas pessoas deixavam comida na soleira de suas portas, um gesto de compaixão que os ajudava a passar por mais um dia. Com pouco mais do que suas roupas surradas e a determinação incansável de sobreviver, Ana e Pedro enfrentavam cada desafio com coragem.

Um dia, enquanto Ana e Pedro exploravam a floresta em busca de frutas e raízes para sua próxima refeição, eles ouviram um som estranho e desconhecido ecoando pelas

árvores. Curiosos, seguiram o som até chegarem a uma pequena cabana no meio da floresta.

Na varanda da cabana, viram um casal de idosos. Maria, de cabelos brancos como a neve e olhos gentis como o céu, sorriu ao vê-los. José, com sua barba grisalha e mãos calejadas pelo trabalho árduo, estendeu a mão em um gesto acolhedor. Os olhos das crianças se encontraram com os olhos bondosos dos idosos, e uma conexão mágica pareceu surgir naquele instante.

As crianças, tímidas e desconfiadas, contaram sua história a Maria e José. Como haviam sido abandonadas, como lutaram para sobreviver, e como sempre mantiveram a esperança de encontrar um lugar onde pudessem ser amadas e cuidadas. Maria e José ouviram cada palavra com empatia e compreensão, sentindo uma profunda simpatia pelas crianças.

Maria e José, que nunca tiveram a bênção de ter filhos, viram em Ana e Pedro a família que sempre desejaram. Sem hesitar, ofereceram-lhes um lar, amor e carinho. As crianças, depois de muita relutância e desconfiança inicial, aceitaram a oferta, sentindo uma corrente de esperança invadir seus corações.

A pequena cabana na floresta se tornou o lar das crianças, e Maria e José se transformaram em avós amorosos. Eles cuidaram das crianças como se fossem seus próprios filhos, preenchendo cada dia com amor, segurança e ensinamentos sobre a vida na floresta. Maria e José compartilharam histórias sobre o mundo exterior, criando uma sensação de pertencimento e esperança nas crianças.

À medida que o tempo passava, Ana e Pedro cresceram rodeados de amor e apoio. Maria e José encontraram a alegria e o propósito que tanto desejavam em suas vidas, cuidando das crianças que trouxeram alegria à cabana solitária. A felicidade florescia naquele lugar outrora tranquilo e silencioso.

Enquanto o vento sussurrava histórias nas árvores da floresta e os pássaros cantavam suas canções melodiosas, Ana e Pedro souberam que a família não era apenas sobre sangue, mas sobre as pessoas que escolhemos para amar e cuidar. No abraço caloroso de Maria e José, encontraram o que haviam perdido há tanto tempo: um lar onde eram amados e protegidos.

Com o tempo, a cabana na floresta se encheu de risos, brincadeiras e lições de vida valiosas. Ana e Pedro cresceram para se tornar jovens corajosos e generosos, honrando o amor inabalável de Maria e José.

A pequena cabana na floresta, outrora solitária e esquecida, agora irradiava calor e amor. E, à medida que as estações mudavam e as flores desabrochavam, as vidas de Ana e Pedro foram transformadas para sempre, provando que, às vezes, o destino nos reserva um presente inesperado, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. E naquele lar na floresta, onde a família foi formada pelo amor e pela escolha, todos encontraram um lugar para pertencer e serem amados, como uma verdadeira família.





O Amor Venceu

José Henrique Rodrigues Machado

Em tempos de guerra, quando o mundo parecia despedaçado e as nações se enfrentavam em conflito, duas almas perdidas encontraram amor no meio da destruição.

No cenário de uma guerra civil, Maria e João eram dois jovens que viviam em lados opostos do conflito. Maria, com seus cabelos negros como a noite e olhos profundos como o oceano, pertencia a uma família de camponeses em uma vila devastada pela guerra. João, com sua coragem inabalável e um senso inabalável de dever, era um soldado do exército rival.

A guerra havia tirado tudo de Maria — sua casa, sua família e, finalmente, sua esperança. Ela passava os dias ajudando os feridos em um improvisado hospital de campanha. Entre os gritos de dor e os horrores da guerra, ela encontrou forças para cuidar dos necessitados. Seu coração generoso e sua compaixão inabalável eram sua única luz na escuridão.

João, por outro lado, lutava pelo que acreditava ser seu dever. Ele tinha visto amigos caírem ao seu lado, testemunhado a destruição de cidades inteiras e conhecido o peso da responsabilidade. Mas, em seu coração, ele sabia que aquela guerra estava causando mais mal do que bem.

Em um dia ensolarado, quando os tiros e explosões haviam temporariamente cessado, João foi enviado para a vila onde Maria estava. Ele a encontrou em um campo, cuidando de crianças órfãs que tinham perdido tudo na guerra. Seus

olhares se cruzaram, e algo dentro deles mudou naquele momento.

João, vendo a beleza e a bondade de Maria, começou a questionar sua própria missão. Ele passava cada vez mais tempo na vila, ajudando Maria a cuidar das crianças e dos doentes. Juntos, eles encontraram consolo um no outro, em um mundo despedaçado.

À medida que o amor entre Maria e João florescia, a guerra continuava. Mas eles tinham algo que muitos naquele momento de caos haviam perdido: esperança. Eles acreditavam que, com amor e compaixão, poderiam fazer a diferença, não importando o lado da guerra em que estivessem.

Os dias e as noites eram difíceis, e eles enfrentaram inúmeras adversidades. Mas, com a força do amor que compartilhavam, continuaram a lutar juntos por um futuro melhor, onde a paz substituísse a guerra e a compaixão triunfasse sobre o ódio.

A guerra civil, eventualmente, chegou ao seu fim. E, embora as cicatrizes da batalha permanecessem visíveis na terra e nas almas das pessoas, Maria e João eram um símbolo de que o amor podia nascer nos lugares mais sombrios e florescer mesmo nas condições mais difíceis.

Eles se casaram na vila que havia visto tanto sofrimento, transformando-a em um lugar de amor e esperança. Juntos, continuaram a ajudar aqueles que precisavam, lembrando a todos que, mesmo em tempos de guerra, o amor era uma força poderosa capaz de unir corações e curar feridas.





Minhas férias no sítio e a grande descoberta sobre o homem do saco

Katiane Tavares da Silva Cunha

Quanta alegria! O mês de julho vem chegando e, já sinto o cheirinho de férias no ar. Todos os anos passamos, toda a primarada, as férias na casa do vovô e da vovó, em um lindo sítio pertinho de Morrinhos.

Já combinamos até as brincadeiras, durante o dia, jogar bola, pique pega, pique esconde, amarelinha, queimada, pula corda, nadar no rio, pescar com o vovô, andar a cavalo... Ufa, será maravilhoso! Combinamos, também, que depois de jantar nos reuniremos, ao redor da fogueira, para contar histórias.

E, o grande dia chegou! Chega um, dois, três, enfim todos os primos reunidos novamente.

— O que vamos fazer primeiro?

— Brincar de pique esconde? Ah, isso não — responderam todos.

Depois de muita discussão, chegamos à conclusão de que seria melhor começarmos andando a cavalo, já que a tarde estava a se findar e a vovó fica brava se não estivéssemos todos prontos na hora do jantar.

Já à noite, fomos chegando um a um, já de banho tomado e, com uma boa refeição no estômago. Sentamo-nos

ao redor da fogueira, feita pelo vovô, ficando assim aconchegados e quentinhos na noite escura.

— Quem começa? — indagou Rodriguinho.

— Eu, eu! — pediu, quase implorando, Antonela.

Vovô acenou dando-lhe permissão e então, ela começou.

— Era uma vez, um menino muito malvado que se chamava Romãozinho. Sua história aconteceu assim: um dia, sua mãe pediu que Romãozinho levasse comida para o pai, que trabalhava na roça. No caminho, o menino decidiu comer pedaços de frango, deixando apenas os ossos ao pai. Ao entregar a comida para o pai, contou que a mãe mandou somente aquilo. Muito bravo, o pai chegou em casa e espancou a esposa. O menino, simplesmente, riu da situação. A mãe, bravíssima, jogou uma praga para que Romãozinho não fosse aceito nem no céu, nem no inferno. Desde então, a alma do menino vaga pelo sertão, fazendo maldades.

Todos ficaram com medo, mas disfarçaram muito bem e, assim deram continuidade às histórias. Rodriguinho deu seguimento, contando a história de Matinta Pereira, uma bruxa velha que se transforma durante as noites em um pássaro de mau agouro. O pássaro pousa nos telhados ou nos muros das casas, assobiando alto e estridente para que os moradores deem conta de sua presença. Matinta costuma aparecer durante a noite ou a madrugada, perturbando o sono das pessoas. Nesse momento, um dos moradores da casa tem que dizer em voz alta que oferecerá para ela o tabaco desejado e, assim, o pássaro voa dali e vai até outras casas fazendo a

mesma coisa. Porém, em outros lugares, as pessoas podem oferecer outras coisas como comida, bebidas ou presentes variados. No dia seguinte, com o aspecto de bruxa velha, Matinta vai às casas e recebe o que lhe foi prometido na noite anterior. Mas, se não lhe for entregue, ela amaldiçoa todos os moradores da casa, com doenças ou mesmo com mortes.

— Socorro! — gritou Rosinha, assustando ainda mais os outros, com os olhos arregalados.

João Vitor, o primo mais velho, mas cheio de graças e que amava assustar os mais novos, quis dar continuidade. Foi nesse momento que ouvi a história do homem do saco.

— Era uma vez, uma família de três irmãos, o pai e a mãe, que moravam numa casa muito bonita. No entanto, os três irmãos eram proibidos de brincarem na rua com as crianças da vizinhança.

— Por quê? Coitadinhos! — indagou Renato e, João Vitor continuou.

— Bem não sei muito bem, mas o pai era uma pessoa muito diferente dos outros pais. Sei que ninguém ia brincar na casa desses meninos e as portas e janelas raramente se abriam. Às vezes, conseguiam perceber que havia alguém por detrás da janela espiando, tinham um cachorro grande e feio, que vigiava a casa dia e noite e nunca latia. Recebiam carvão em casa, pedras de gelo para a geladeira e leite, que vinha em garrafas especiais. O gelo chegava numa carrocinha sempre pingando, e era atirado pela porta. O leite ficava no portão do lado de fora da casa. Conta-se que um certo dia, ao chegar à casa, antes mesmo que deixasse o saco do carvão, o carvoeiro

ouviu um choro, que vinha lá de dentro. Ele parou e ficou a escutar. — Não precisa chorar mais, ele logo se irá embora. Dizia alguém. — Tenho medo dele. Suspirava a criança. — Para, senão ele não vai embora. Fez-se um silêncio e o carvoeiro deixou o saco no lugar e partiu. Ele ficando intrigado com o acontecido, pensou: “— Da próxima vez vou ficar à escuta para ouvir do que é que a criança tem medo. Será que é de mim?” E assim fez, deixou o saco de carvão, fingiu que foi embora e não foi.

— Pronto, ele já se foi. — dizia alguém lá dentro.

— Você viu? Ele traz o saco nas costas e fica esperando, se sair ele te pega e leva embora dentro do saco. Ele é o homem do saco.

O pobre coitado ficou ali ouvindo, amedrontado! Credo, como é que alguém pode dizer uma coisa dessas a uma criança? — pensou. Voltou para a carvoaria e, no final do dia, depois de um bom banho, foi falar com o polícia da cidade. Contou o acontecido, e os dois foram até a casa. Bateram, incansavelmente, na porta e nada de abrirem. Após muita insistência, apareceu o dono da casa e sua esposa. A polícia repreendeu-os, chamaram as crianças e apresentaram o “homem do saco”, contando-lhes toda a verdade. A partir disso, aquela casa ficou conhecida como “a casa do homem do saco”. Até hoje existem pessoas que gostam de assustar as crianças com esta história. E, um, dois, três... O último que ficar, o homem do saco vai levar.

Todos correram para seus quartos morrendo de medo do homem do saco aparecer e pegar alguém. Eu também, é claro!

Mas, quando cheguei no meu quarto essa história não saía da minha cabeça. Como sou uma menina muito curiosa comecei a pesquisar e, para minha surpresa, encontrei vários relatos de crianças desaparecidas no Brasil e, inclusive, na Itália, terra de meu avó Luigi Tavares, onde os próprios pais alegavam que seus filhos teriam sido levados por um homem sujo, barbudo e que carregava um saco, ou seja, “o homem do saco”.

Por essa razão, decidi ir conversar com o vovô, para saber se ele conhecia mais sobre esses acontecimentos e, também, sobre o homem do saco ou papa-figo, como também é conhecido.

A casa estava toda escura, o coração saía pela boca, a cada passo a tensão aumentava. Passando pelo corredor escuro e frio, vinha-me o medo de olhar as portas dos quartos onde dormiam meus primos, o pavor de ver alguém saindo dos quartos me consumia.

O quarto do vovô e da vovó ficava do outro lado da casa, ainda faltava passar pela cozinha, sala, biblioteca, que é meu lugar favorito, e pelo escritório do vovô. Enfrentando os medos fui chegando perto e, para minha surpresa vi uma luz que saía pela porta semiaberta do escritório. Que bom, respirei melhor e ganhei forças, o vovô ainda está acordado, poderemos conversar agora.

Mas, para minha surpresa, não era o vovô que estava no escritório, era um homem desconhecido, todo sujo e barbudo. Fiquei imóvel, o medo tomou conta mais uma vez, não sabia o que fazer. Talvez gritar seria a melhor opção, mas assim, estaria colocando em risco a vida dos meus primos e, até mesmo, dos meus avós. Esperei um pouco e fiquei apenas observando; de repente, o homem abriu uma gaveta, retirou a barba e guardou. Aquele homem, o “homem do saco” era, simplesmente, meu avô, meu amado vovozinho!

Sem saber o que fazer, fui voltando para o quarto bem devagarinho, para o vovô não perceber que eu estava ali. Guardo esse segredo até hoje, porém, as férias nunca mais foram as mesmas e, para ser bem sincera, nem eu.





O Crepúsculo Dourado

Kleber Inácio da Silva

I

No coração selvagem do Brasil colonial, onde as sombras dançam entre as árvores ancestrais da floresta, ecoam histórias de criaturas que habitam os limites entre o mito e a realidade. Entre essas lendas, uma se destaca como um aviso sombrio para aqueles que desafiam os mistérios do além.

Akiáakaitarê, conhecido pelos povos indígenas como o Caçador do Campo, era um homem cuja vida se entrelaçava com os segredos mais obscuros e perigosos que assombravam as terras coloniais. Seu nome reverberava nos corações dos que temiam o desconhecido e clamavam por proteção contra as entidades que espreitavam na escuridão.

Em uma noite encharcada pela chuva, quando o céu se fechou em um manto negro e a floresta sussurrava seus segredos antigos, Akiáakaitarê recebeu um chamado incomum. Uma mensagem cifrada, deixada à porta da igreja local, clamava por sua presença imediata. Era a ordem da igreja, uma chamada para relatar e enfrentar uma ameaça que não se via há séculos, mas em uma forma distorcida e ameaçadora como nunca antes vista.

Intrigado pela gravidade do pedido e ciente dos perigos que o aguardavam, Akiáakaitarê preparou-se para uma jornada que o levaria ao limite de suas habilidades e crenças.

Ele embarcou em uma busca pela verdade por trás das crescentes aparições da entidade corrupta.

Entre o bater das asas dos morcegos e os sussurros dos ventos noturnos, o caçador de mistérios se aventura nas profundezas da floresta, pronto para enfrentar não apenas a tal criatura, mas também os segredos ocultos que ameaçavam desencadear uma escuridão insondável sobre o mundo que conheciam.

II

Zaníkonikarê, conhecido por suas habilidades de rastreio e seu conhecimento profundo das criaturas do folclore, começa a ter visões perturbadoras com um espírito sinistro. Essas visões o assombram durante os rituais espirituais da sua tribo, onde ele percebe que algo sombrio está se aproximando das fronteiras de seu território.

Intrigado e preocupado com essas visões, Zaníkonikarê decide confiar seu pressentimento a um contato confiável na cidade próxima, que por coincidência é um membro da igreja responsável por contatar Akiáakaitarê para suas caçadas sobrenaturais. Este contato, ciente da reputação de Akiáakaitarê como caçador destemido e conhecedor dos mistérios sobrenaturais, vê uma oportunidade única para unir forças. Afinal, foram batizados juntos, após caçarem uma criatura do inferno que atormentava a tribo de Zaníkonikarê.

III

Sob o manto escuro da noite, a fortaleza de pedra do caçador Akiáakaitarê permanecia em silêncio. As paredes,

adornadas com troféus de caçadas passadas, refletiam a luz fraca das tochas. Na capela da fortaleza, ele se ajoelhou em oração, preparando-se para mais uma missão. Com o coração pesado, mas a mente focada, ele vestiu sua armadura, ajustou a capa e pegou sua espada. Os rumores sobre o espectro sombria haviam se intensificado, e a última mensagem vinda da vila próxima não deixava dúvidas: sua presença era urgentemente necessária.

Ao sair da fortaleza, uma rajada de vento frio o saudou, prometendo uma jornada árdua. Ele montou em Malfeitor, seu fiel cavalo de guerra, e começou sua travessia pela floresta densa. As árvores sussurravam segredos antigos, e os olhos de criaturas noturnas brilhavam à distância. Akiákaitarê não temia os perigos naturais; ele já havia enfrentado horrores muito maiores.

A floresta deu lugar a um pântano traiçoeiro, onde cada passo era uma luta contra o terreno lamacento. Mosquitos zumbiam incessantemente, e o odor pungente de matéria orgânica em decomposição impregnava o ar. O cavalo avançava com dificuldade, e o caçador usava sua espada para cortar vinhas e galhos que obstruíam o caminho. Um barulho distante de águas turvas e crocodilos submersos servia como trilha sonora de sua passagem.

Finalmente, o pântano ficou para trás, e ele chegou a uma série de vilarejos isolados. As pessoas olhavam com desconfiança, mas também com esperança, reconhecendo o homem que havia libertado suas terras de tantas outras

ameaças. Eles sussurravam sobre uma entidade que estava corrompendo a vegetação ao seu redor, transformando belas paisagens em terras estéreis e desoladas. Criando desigualdades e corrupção nas comunidades. A criatura assustava os moradores com aparições repentinas e ameaças veladas, criando um clima de medo e paranoia na região. Drenava a energia vital dos habitantes locais, causando doenças misteriosas e enfraquecimento espiritual. Suas atividades alteravam o clima local, causando tempestades violentas, secas prolongadas e calamidades naturais. Causava conflitos e desentendimentos que levavam à divisão, morte e ao caos. As pessoas contavam histórias de terror que o caçador já conhecia, mas que reforçavam a urgência de sua missão.

Ao interagir com os habitantes locais durante sua jornada, Akiákaitarê notava mudanças sutis no comportamento das pessoas. Elas parecem mais cautelosas, algumas evitavam o contato visual ou falavam apenas em murmúrios sobre histórias esquecidas. Um ancião, após ser persuadido por Akiákaitarê, mencionou que há décadas não se via tantos sinais da presença do espectro sombrio como nos últimos meses. Ele insinuou que algo despertou o interesse da criatura, algo que vai além das crenças locais sobre sua natureza.

A chuva começou a cair, primeiro como uma garoa suave, depois como um dilúvio implacável. O vento rugia, e trovões rasgavam o céu. Akiákaitarê não se deteve,

avançando contra os elementos com uma determinação inabalável. Malfeitor bufava, mas seguia adiante, guiado pela confiança mútua e pelo dever.

Depois de dias de jornada, finalmente, avistou um acampamento solitário na base de uma colina. A fogueira crepitava, iluminando a figura imponente de Zaníkonikarê. O jovem guerreiro indígena, todo pintado para a guerra, estava ali, esperando. Akiáakaitarê desmontou, e os dois amigos se cumprimentaram com um aceno respeitoso.

— Você chegou mais rápido do que eu esperava — disse Zaníkonikarê, com um sorriso discreto.

— Não há tempo a perder — respondeu Akiáakaitarê, secando o rosto encharcado. — O espírito sombrio está causando estragos. Precisamos agir.

Os dois se sentaram ao redor da fogueira, discutindo os planos para a caçada e trocando informações sobre os eventos recentes. O caçador sabia que, com seu amigo ao seu lado, tinham uma chance maior de derrotar a ameaça. E, enquanto o fogo queimava, aquecendo-os contra o frio da noite, eles se preparavam para enfrentar mais um desafio sobrenatural, unidos pela causa que os tornara irmãos de alma.

Os sons da floresta noturna eram abafados pela presença opressiva da entidade. Akiáakaitarê e Zaníkonikarê avançavam cautelosamente pela trilha estreita, guiados apenas pela luz pálida da lua que penetrava timidamente entre as folhas grossas das árvores. O ar estava carregado de um silêncio pesado, quebrado apenas pelo sussurro de suas

respirações aceleradas e o ranger suave dos passos sobre a folhagem úmida.

À medida que se aproximavam do local indicado pelas pistas dispersas que encontraram, uma sensação de presságio se intensificava. A densa vegetação ao redor parecia se fechar sobre eles, como se a própria floresta estivesse retendo o ar em antecipação ao confronto iminente.

De repente, uma claridade dourada começou a filtrar-se entre as árvores adiante, como se o próprio ar estivesse impregnado de ouro líquido. Akiáakaitarê trocou um olhar sombrio com Zaníkonikarê, ambos compreendendo o significado sinistro daquela luminosidade inesperada.

A poucos passos adiante, a forma da Mãe do Ouro começou a se materializar lentamente. Ela estava diferente das descrições antigas, distorcida pela corrupção que parecia tê-la consumido. Seus olhos eram chamas douradas, ardendo com uma intensidade que sugeria uma mente semelhante à de um homem ou mulher, mas seu corpo, sua pele, translúcida e pulsante, refletia uma luminescência desconhecida, enquanto sua vestimenta, composta por finíssimos fios dourados que pareciam flutuar no ar, cintilava com um brilho hipnotizante e perturbador, evocando o horror de algo além da compreensão humana.

Ao perceber os dois caçadores, o espectro sombrio da Mãe do Ouro demonstrou uma inteligência assustadora, partindo em disparada com um clarão dourado que iluminou a floresta negra como um relâmpago sobrenatural. Nesse

instante, ambos os caçadores compreenderam a magnitude da ameaça, sentindo a gravidade do perigo que se escondia nas profundezas daquela escuridão ancestral.

À medida que a claridade dourada se aproxima, os dois homens começam a sentir o peso da realidade. Akiáakaitarê, sempre seguro de suas crenças e força, começa a questionar suas próprias motivações. Ele olha para Zaníkonikarê, vendo a mesma dúvida em seus olhos.

— Zaníkonikarê, você está preparado? Não estamos apenas caçando uma criatura, estamos enfrentando nossos medos mais profundos.

Com um olhar resolutivo, responde: — Sim, Akiáakaitarê. Eu sempre soube que este momento chegaria. Estamos aqui não só para caçar, mas para enfrentar o que há de mais sombrio em nós mesmos.

Quando finalmente chegam à clareira, a Mãe do Ouro Sombria se revela em toda sua glória macabra. Seus olhos, antes cintilantes de ouro, agora ardem com uma luz cruel. O chão sob seus pés parece vibrar com uma energia antiga e malévola.

Akiáakaitarê e Zaníkonikarê se encontram frente a frente com a entidade. Os dois, apesar do medo, mantêm seus olhos fixos na criatura, tentando não se deixar dominar pela escuridão ao redor. A entidade sussurra com sons chiados macabros.

— Vocês vieram para me caçar, mas são vocês, caçadores, que estão sendo caçados. O ouro que eu guardo não é só de metal, mas de almas que se perderam.

A voz da Mãe do Ouro ecoa pela floresta, carregada de uma tristeza antiga e de uma malícia insondável. Akiáakaitarê sente a verdade em suas palavras, uma verdade que desafia tudo o que ele sempre acreditou.

Antes do confronto, Akiáakaitarê e Zaníkonikarê preparam um plano meticuloso para enfrentar a Mãe do Ouro Sombria. Eles estudam suas fraquezas conhecidas, reúnem armas e artefatos sagrados dos habitantes locais, e buscam a ajuda de um xamã para fortalecer suas defesas espirituais. O clima ao redor é carregado de eletricidade, à medida que a natureza parece reagir à iminente batalha.

Durante o encontro com o xamã, é apresentado, aos caçadores artefatos antigos e relíquias esquecidas que parecem ter conexões com a Mãe do Ouro Sombria. Pinturas rupestres detalham eventos históricos envolvendo a criatura, inscrições antigas falam de sacrifícios e rituais para apaziguar sua fúria. Entre essas relíquias, há uma presença palpável de magia antiga que parece se reacender com a ressurgência da Mãe do Ouro Sombria, sugerindo que há forças mais profundas e sinistras em jogo além do entendimento inicial dos caçadores.

Em uma conversa com um xamã local, Akiáakaitarê ouve falar de uma profecia esquecida que fala sobre o despertar da Mãe do Ouro Sombria em tempos de mudança. A profecia prediz que sua presença se intensificará conforme

um evento cataclísmico se aproxima, um evento que pode alterar o equilíbrio entre o mundo dos homens e o mundo espiritual. Os caçadores percebem que sua missão vai além de simplesmente derrotar a criatura; eles devem descobrir a verdade por trás da profecia e impedir que suas consequências se concretizem.

Durante a jornada de Akiáakaitarê e Zaníkonikarê pela floresta, começam a notar sinais estranhos na natureza ao redor. Árvores que deveriam estar florindo parecem murchas e sem vida, animais que normalmente seriam vistos, escondem-se ou desaparecem completamente. Zaníkonikarê menciona que tais eventos são incomuns, mesmo para a presença da Mãe do Ouro Sombria, sugerindo que algo maior pode estar desequilibrando o equilíbrio natural da região.

No acampamento, à noite, ambos os caçadores começam a ter sonhos vívidos e perturbadores. Akiáakaitarê sonha com figuras sombrias que parecem observá-lo na escuridão da floresta, enquanto Zaníkonikarê tem visões de uma figura dourada que sussurra promessas de riqueza e poder. Essas visões não são apenas assustadoras, mas parecem estar tentando comunicar algo aos caçadores, algo que está além da simples presença da Mãe do Ouro.

O confronto ocorre em um local sagrado e ancestral, onde a presença da Mãe do Ouro Sombria é mais forte. Ruínas antigas e árvores centenárias cercam o campo de batalha, criando uma atmosfera sombria e imponente. A noite é

iluminada pela lua cheia, aumentando a sensação de urgência e mistério.

Os caçadores utilizam uma combinação de armadilhas elaboradas, magia ancestral e habilidades de combate adquiridas ao longo de suas jornadas para enfraquecer a Mãe do Ouro Sombria. Akiáakaitarê se destaca com sua destreza com a montante, enquanto Zaníkonikarê usa sua agilidade e conhecimento dos pontos fracos da criatura para atacar com precisão.

Durante o confronto, o espectro revela novas habilidades e estratégias de defesa, desafiando os caçadores a se adaptarem rapidamente. Ela convoca espíritos elementais para seu auxílio, envolve os caçadores em ilusões e cria uma barreira de energia dourada que repele seus ataques diretos.

A Mãe do Ouro, em sua forma espectral, zumbia horror e malignidade enquanto invocava mortos de outrora. Uma mistura sinistra de ossos com pedaços de carne e fiapos de panos animava as criaturas, seus crânios brancos refletindo a luz da Lua. O caçador, determinado e preparado, abriu sua bolsa e passou um líquido especial na lâmina da montante, preparado pelo xamã. Seu parceiro indígena pegou flechas cujas pontas haviam sido banhadas no mesmo líquido, enquanto sua machadinha de osso, afiada ao ponto de cortar um fio de cabelo em pleno ar, balançava em sua cintura.

Os dois partiram para o confronto, enfrentando a horda de mortos-vivos que nunca deveriam ter saído do inferno. Espadas e flechas cortavam o ar, desmontando aquelas

criaturas profanas que violavam o plano dos vivos. A cada golpe, ossos e carne pútrida caíam no chão, sendo reduzidos a pó branco.

Em meio à batalha, uma brecha se abriu. O índio, com mira precisa, disparou uma flecha diretamente no coração do espectro sombrio. A Mãe do Ouro pareceu enfraquecer, sua forma vacilando por um momento. Aproveitando a oportunidade, o caçador se livrou dos mortos ao seu redor e cravou sua montante no coração do espírito dourado. Os mortos se desintegraram em pura poeira branca, e a entidade começou a se contorcer no chão, grunhindo como um porco, fazendo até as árvores tremerem.

Zaníkonikarê rapidamente trouxe um pequeno recipiente de barro, coberto com vários símbolos indígenas, e o colocou nas mãos do caçador. Ele retirou água sagrada e banhou o recipiente, recitando uma oração. A criatura no chão começou a recuperar suas forças, tomando seu brilho dourado e levitando no ar novamente, quase atingindo a altura das árvores, irradiando luz violeta e dourada.

Nesse instante crucial, o caçador lançou o pote de barro abaixo do espírito, que foi sugado para dentro em um redemoinho. O índio correu e fechou a tampa, realizando outra oração para seus deuses, garantindo o selamento daquela entidade para todo o sempre. Pois uma criatura como a Mãe do Ouro não pode ser morta, dada à sua natureza espectral.

O brilho dourado desapareceu, e a floresta voltou ao seu silêncio natural. Os dois caçadores, exaustos, mas vitoriosos, se entreolharam com um misto de alívio e determinação. Sabiam que a batalha estava longe de acabar, mas tinham conseguido selar uma das mais terríveis ameaças que já haviam enfrentado.

Com a derrota do Espectro Sombrio, a região experimenta uma breve paz. No entanto, Akiákaitarê percebe que há mais mistérios a serem desvendados, especialmente em relação ao que desencadeou a aparição de tal criatura. Novos desafios e ameaças podem surgir, sugerindo que a batalha pela harmonia entre os mundos humano e espiritual está longe de terminar.

O caçador pede a permissão de Zaníkonikarê para levar o artefato, argumentando que ele deve ser protegido e selado para sempre nas mãos da sagrada igreja. A despedida dos dois é marcada por alegria e respeito, pois seus laços transcendem a mera amizade. Unidos por uma força além da carne, são irmãos de caça, com nomes que significam, respectivamente, caçador do campo e caçador da floresta. Embora trilhem caminhos diferentes, são unidos por um único ideal: livrar a Terra de forças malignas.

Zaníkonikarê retorna à sua tribo, trazendo consigo mais uma vitória. Sua posição como chefe se fortalece ainda mais, destacando-o como um guerreiro notável. Enquanto isso, Akiákaitarê volta para a ordem com novas informações sobre

o que está por vir, ciente de que o trabalho para proteger o mundo das trevas está longe de terminar.

Enquanto Akiáakaitarê recupera-se do violento encontro com espectro dourado, um mistério sombrio começa a se desenrolar nos confins das terras coloniais. Os relatos de criaturas sobrenaturais, outrora limitados a ocasionais murmúrios nas sombras, agora ecoam com uma frequência perturbadora entre os habitantes locais. O que antes parecia enredado em lendas e superstições agora se manifesta com uma intensidade inexplicável.

Os membros da Ordem dos Cavaleiros Negros, atentos aos sinais ocultos que permeiam o véu entre o mundo mortal e o desconhecido, percebem um padrão alarmante: as aparições das criaturas se intensificam em períodos de transição astral, quando os limites entre o plano terreno e o sobrenatural parecem se distorcer.

Akiáakaitarê, em seus momentos de vigília, reflete sobre o último encontro, assombrado pela velocidade e agressividade da Mãe do Ouro Sombria. Um ataque que desafia até mesmo sua compreensão das leis naturais e sobrenaturais. Fragmentos de memória surgem em sua mente: um brilho dourado pulsante, um calor abrasador como se viesse das entranhas da terra, e um rugido que ecoava além dos limites do mundo audível.

A investigação da Ordem revela antigas inscrições e profecias, mencionando um despertar iminente de entidades há muito adormecidas. Sussurros entre os estudiosos sugerem

que algo antigo e poderoso está se movendo nas sombras, buscando ressurgir em um mundo que esqueceu sua existência.

À medida que Akiáakaitarê se prepara para sua próxima caçada, ele carrega consigo não apenas cicatrizes físicas do confronto anterior, mas também uma inquietante sensação de que algo maior e mais sinistro está se desdobrando. Um mistério que exigirá coragem, determinação e talvez sacrifício para desvendar, antes que as sombras engolfem completamente as terras coloniais e tudo que nelas habitam.

Na sombra imponente da igreja de pedra escura, erguida como um bastião contra o desconhecido, ecoavam os sussurros dos fiéis e o eco distante das confissões. Akiáakaitarê, conhecido como o caçador destemido de criaturas sobrenaturais, era frequentemente convocado por essa instituição ancestral e misteriosa, conhecida apenas pelos mais devotos como a Ordem.

A igreja, com seus vitrais quebrados que lançavam feixes de luz fantasmagóricos sobre os corredores silenciosos, abrigava não apenas rezas e liturgias, mas também segredos antigos guardados por séculos. No coração sombrio da nave principal, onde a luz do sol raramente penetrava, os membros da Ordem se reuniam em segredo para discutir relatos de criaturas que assombravam os mais recônditos cantos da terra.

Entre os fiéis, poucos conheciam o verdadeiro propósito da convocação de Akiáakaitarê. Para a maioria, ele era apenas um homem de olhos penetrantes e uma

determinação infalível, pronto para enfrentar qualquer monstro que ousasse ameaçar a paz frágil entre o mundo dos vivos e dos mortos. Mas para os iniciados na Ordem dos Cavaleiros Negros, ele era muito mais: um instrumento sagrado na luta contra as forças sobrenaturais que espreitavam nas sombras da noite.

Era sob a luz trêmula das velas, em uma sala de pedra fria com brasões antigos esculpidos nas paredes, que Akiákaitarê aguardava o chamado que viria moldar seu próximo destino. As sombras dançavam ao redor dele, enquanto o eco distante dos cânticos dos monges preenchia o ar. Era ali, naquele santuário de segredos e mistérios, que sua próxima caçada começaria.

Fim





O Encourado

Laura Lino de Oliveira

Dona Lúcia Queiroz morava em Recife Pernambuco, era uma mulher amargurada e infeliz, foi abandonada pelo esposo e pelos filhos, vivia xingando e chamando o coisa ruim. Certo dia, dona Lúcia percebeu que suas galinhas não estavam botando ovos e isso fazia sua desgraça ser maior; novamente, Dona Lúcia chamou o coisa ruim. Seus cachorros gemiam o dia todo e não saíam de casa para nada, os urubus não saíam de cima do telhado mesmo sem carniça por perto.

Os vizinhos viam a desgraça da mulher e a alertavam que aquilo era coisa espiritual. Assustada, a mulher procurou o padre que tentou usar todos os rituais da igreja, mas não houve sucesso. Dona Lúcia continuava a viver seu tormento dia e noite.

Até que, seu Bento, um vizinho próximo já não aguentava mais ver o sofrimento da mulher e lhe avisou que a mesma estava sendo vítima do Encourado.

O Encourado é muito conhecido no nordeste brasileiro. Conta a lenda que o Encourado é um homem que possui hábitos noturnos, além de usar uma roupa de couro preta como um cangaceiro, sendo que a vestimenta fede à sangria. O Encourado gosta de se alimentar de humanos e animais .

Dizem que ele só entra em casas onde é convidado, no entanto, sempre dá um jeito de receber boas graças do anfitrião. A lenda também conta que ele prefere pessoas que

não frequentam a igreja, além do que ele sabe de antemão quem são essas pessoas. Sendo assim, ao chegar em um povoado, ele já tem em mente a quem procurar. Na presença do Encourado, as galinhas param de botar ovos, os cachorros não saem de casa e gemem o dia inteiro e os urubus passam a voar sobre o lugar.

Ao sentir a presença do Encourado, os moradores costumam sacrificar um animal, pois acreditam que feito isso ele irá embora. Conta-se que, no passado, aconteciam sacrifícios de pessoas indesejáveis como criminosos e mães solteiras. Entretanto, dizem que basta simplesmente oferecer uma galinha preta ou galo vermelho para afugentá-lo sem, contudo, ofendê-lo. A oferenda, no entanto, deve ser pendurada na entrada principal da cidade, pois o Encourado só entra pela porta da frente.

Diferente de outros vampiros, esta criatura parece ser imune a vários atributos que deveriam demonstrar uma certa eficácia contra o monstro, portanto não funcionam alho, cruzeiros, luz do sol, água benta e estacas de madeira. Nada disso é capaz de derrotá-lo.

Ao saber de tudo isso, Dona Lúcia temeu a criatura, comprou logo duas galinhas pretas e um galo vermelho. Sacrificou uma das galinhas pretas e deixou a outra galinha preta livre no quintal. Foi na igreja e confessou todos os seus rancores ao padre e, finalmente, viu-se livre do Encourado.





Curupira e sua vingança contra os invasores da floresta

Nathalia Oliveira Santana

Em uma noite de lua vermelha, na densa mata brasileira, vivia o temido Curupira, guardião das florestas e protetor dos animais. Sua presença era marcada pelo som de seus pés ao contrário e pelos olhos brilhantes que observavam os intrusos em seu território.

Certo dia, um grupo de caçadores invadiu a floresta em busca de presas exóticas para vender no mercado negro. Ignorando os avisos dos nativos sobre a fúria do Curupira, os caçadores avançaram, dispostos a encher seus bolsos à custa da natureza. O Curupira, furioso com a invasão e a crueldade dos caçadores, decidiu agir. Com sua magia ancestral, ele enfeitiçou o líder do grupo, fazendo-o enxergar ilusões terríveis e perdendo-se na escuridão da mata. Um por um, os caçadores foram levados à loucura pela vingança do Curupira.

Ao amanhecer, os nativos encontraram os caçadores desorientados e aterrorizados. O líder do grupo, marcado pelo olhar selvagem e pela insanidade provocada pelo Curupira, jurou jamais voltar à floresta. A notícia se espalhou rapidamente pelas aldeias próximas.

A partir daquele dia, a lenda do Curupira se espalhou entre os moradores da região, servindo como advertência para aqueles que ousassem desafiar a natureza e seus guardiões. Os

nativos passaram a reverenciar ainda mais o guardião místico das florestas.

Com o tempo, a história ganhou novos elementos, à medida que era contada de geração em geração. Surgiram relatos de viajantes que afirmavam ter avistado o próprio Curupira protegendo os animais e afugentando aqueles que buscavam explorar a natureza de forma desrespeitosa. A lenda do Curupira se tornou um símbolo de respeito pela natureza e pelos seres místicos que zelam por ela. As comunidades locais passaram a celebrar rituais em honra ao guardião das florestas, pedindo proteção para suas terras e reconhecendo a importância de se preservar o equilíbrio natural.

A história foi registrada em livros e documentos históricos, tornando-se parte do folclore brasileiro e sendo retratada em pinturas, esculturas e danças tradicionais. O mito do Curupira inspirou artistas, escritores e pesquisadores a explorar as riquezas culturais e naturais da região. Assim, a lenda do Curupira e sua vingança contra os invasores da floresta continuou a ecoar através dos tempos, lembrando a todos sobre a importância de cuidar da natureza e respeitar as forças místicas que a protegem.





Tomando “parte” com o Cafuçu

Paulo Tércio Martins

Meu saudoso pai era um exímio contador de “causos” de todas as nuances, mas tinha um segmento que eu gostava um pouco mais: os causos de lobisomens, mulas sem cabeça, sacis, fadas, duendes e, em especial, quando ele contava umas histórias de pessoas que ficavam ricas e bonitas, poderosas e com o “corpo fechado” por tem feito um pacto com o diabo, pacto este chamado lá na fazenda do meu avô de “*tomar parte com o coisa ruim*”.

Nessas histórias ou causos, eu gostava mais destes em que as pessoas pobres e sem sucesso na vida, tornavam-se, quase que instantaneamente, em pessoas abastadas e prósperas em todos os sentidos, embora que, depois que morressem, iriam para o inferno para pagar com sua alma as “*benesses*” que receberam em vida, sofrendo as agruras inerentes ao ambiente infernal.

Eu tenho um primo (vivo e inteligente até os dias de hoje), que vou alcunhar de Chico para preservar sua identidade real e um cachorro vira-lata por nome de Tupi (esse já falecido) que vivia ali na fazenda onde fomos criados e que gostava muito de andar com a gente nas pescarias, caçadas e passeios pelas redondezas.

De tanto ouvir meu pai contar essas histórias de “parte” com o dito anjo caído, um dia combinamos de levar um lero

com o “tal” para que pudéssemos ficar ricos e famosos e, para tanto, escolhemos um local lá na beira de um ribeirão que serpenteava pela fazenda e formava um poço bem fundo, quando chegava em uma grande moita de bambus de modo que formavam duas correntes de água em volta da tal moita, formando uma espécie de ilha.

Na noite escolhida por nós (tínhamos, nesta época por volta de 10 a 12 anos), dissemos aos nossos pais que iríamos pescar uns bagres para o almoço do dia seguinte, coisa que fazíamos rotineiramente, sem nenhum problema.

Lá fomos nós noite adentro, sem luar e com o céu tomado por nuvens negras que ofuscavam as estrelas, com o nosso plano traçado e repetido muitas vezes para nada sair errado.

O cachorro Tupi foi com a gente, como era de costume e, além disso, somente uma lata de minhocas, as varas e uma lamparina a querosene para clarear um pouco o trieiro no meio do capim jaraguá que estava mais alto do que nós.

Lá chegamos e imediatamente já nos preparamos para o encontro que consistia em apagar a lamparina, ficar em silêncio e concentrarmos no “chamamento” e acertarmos os detalhes e, para ficar em um ambiente mais “propício”, atravessamos por uma pinguela, um dos braços do córrego que era caminho para cortarmos, de vez em quando, uma ruma de bambus para serem usados em alguma construção ou cerca lá na sede da fazenda.

Adentramos e nos sentamos em uma clareira desses cortes de bambus e ficamos em silêncio total — até o Tupi

também se aquietou e nem coçava seus carrapatos de estimação — que não se ouvia nem um cantar de grilos ou pio de uma coruja ou qualquer outro animal noturno...

Ficamos ali por uns 10 minutos e... silêncio total. Nem as folhas das árvores se mexiam... tudo era calma...

Eis que, de repente, começou um ventinho que foi aumentando de intensidade e começou a balançar os bambus que se esfregavam um no outro e que começaram a emitir um som estridente de fricção em toda a moita, de modo que, em dado momento o barulho ficou ensurdecedor devido à forte ação do vento, prenunciando até queda de galhos e folhas, além do que, toda aquela ventania acordou os bichos e pássaros que pernoitavam por ali e a confusão se formou.

Os nossos cabelos foram ficando em pé, o coração disparou, os olhos se esbugalharam e o medo nos fez arrancar, juntos, eu, o Chico e o Tupi, atravessamos a pinguela juntos e saímos em disparada pelo Jaraguá afora e só fomos parar quando chegamos no alto de um morro que existia por ali.

Quando recobramos o fôlego, olhamos um para o outro e eu falei primeiro: “Credo em cruz, Ave Maria, escapamos por pouco!” O Chico falou: “ Nunca mais eu mexo com essa “coisa”! No que o Tupi arrematou: “NEM EU!”





A Lenda do Corpo Seco

Wander Oliveira Melo¹.

Por volta de 1890, no interior de Goiás, havia uma pequena vila esquecida pelo tempo; suas ruas eram de terra e cheias de buracos, as poucas casas que tinham abrigavam coronéis, comerciantes e demais moradores. Tinha também uma pequena capela e, defronte a ela, existia uma cadeia, local que abrigava, na parte superior, o Paço Municipal e, nas últimas ruas, um pequeno cemitério.

Nessa época, nem se ouvia falar em progresso, porém como a vila estava localizada no caminho dos viajantes que vinham de Minas para Goiás, passou a ser ponto de parada para descanso e compra de mercadorias.

Com isso, o vilarejo passou por melhorias para atender aos viajantes. As ruas foram calçadas com pedras, praças foram construídas, comércios foram abertos e, novas casas foram erguidas. Essas mudanças, motivaram o intendente a investir na estrutura urbana, abrindo novas ruas e doando lotes para quem quisesse morar ali. Essa atitude motivou a vinda de pessoas e com o passar dos anos, a pequena vila tornou-se uma cidade.

¹ Membro do Grupo de Pesquisa CNPq/CAPES - Historicidade: Educação, Memória e Relações de Poder (HEM/UEG); Historiador, Pesquisador, Escritor, Folclorista, Contista e Poeta. Membro da Academia Morrinhense de Letras, Cadeira nº 07. Membro da Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos. Contato: wandermelo77@gmail.com.

Dentre as pessoas que vieram a morar na cidade estava um rico proprietário de terras, vindo de Minas Gerais. Os que o conheciam, contavam que ele não tinha família, que tinha vindo fugido de onde morava, pois, lá havia matado um homem. Bastava olhar para ele para ver a maldade em seus olhos, de feição ruim, vivia sozinho em seu casarão.

Era sempre visto andando sozinho pela cidade, não fazia amizade com ninguém. Viajantes vindos de Minas Gerais, avisaram aos moradores da cidade, para tomarem cuidado, pois, ele era uma pessoa muito má. Esses viajantes o descreviam como um homem maligno, que maltratou a própria mãe até a morte, batia em cachorros na rua só para vê-los gritar de dor, destruía flores nos jardins, não gostava de padres e odiava quando lhe pediam esmolas.

Certa vez, quando ele andava pela cidade, deparou-se com uma cigana que carregava o filho no colo; ela, muito humilde, pediu-lhe uma esmola para comprar alimento para seu filho. Nesse momento, ele ficou furioso com ela, parecia que o demônio tomara conta de seu corpo; gritou com ela e a xingou de todos os nomes ruins; só faltou bater nela de tão nervoso que ele ficou, todos que estavam perto presenciaram a horrível cena.

Aos prantos, ela e o filho saíram de perto dele, com uma imensa tristeza e mágoa no coração olhou para ele e disse: “sua maldade será lembrada pelo tempo, nem Deus, nem o Diabo há de querer sua alma, muito menos a terra irá comer seu corpo”.

Ao conjurar essas palavras, a cigana saiu com seu filho no colo, pelas ruas da cidade; foi caminhando até voltar para o acampamento onde seu povo estava. Lá, ela contou o acontecido para o líder dos ciganos que, na mesma hora, resolveu levantar acampamento e ir embora da cidade com seu povo, com medo desse homem, fazer algum tipo de mal para eles.

Depois desse episódio, os moradores da cidade nem mais olhavam para esse homem; onde ele estava, as pessoas cortavam caminho.

Ele viveu por anos sozinho na cidade.

Certo dia, os vizinhos notaram que a porta e as janelas da casa dele estavam abertas noite e dia e ficaram intrigados, pois não estavam vendo ele há dias. Foram até a porta de seu casarão para ver se ele estava lá; quando chegaram, sentiram um mau cheiro muito forte vindo de dentro da casa. Mesmo com medo, entraram na casa e o encontraram morto, sentado em uma cadeira.

Como ele não tinha família e nem amigos, os vizinhos comunicaram seu óbito para o delegado, que constatou que ele havia morrido de causas naturais. E, mais que depressa, o delegado pediu para chamar o coveiro da cidade e solicitou a ele que fizesse o enterro do tal homem.

Foi um enterro rápido, sem velório, nem o padre compareceu para encomendar a alma desse homem. O coveiro, o enterrou sozinho! ninguém da cidade quis ajudá-lo.

Seu túmulo ficava no fundo do cemitério; todos que passavam perto sentiam um arrepio, alguns chegavam a passar

mal; algo tenebroso emanava de sua cova, a tristeza tomava conta do lugar, nem flor e nem capim nascia naquele local, tudo era seco.

Passou-se sete anos de sua morte, a cidade começou a progredir com o aumento da atividade comercial e, com isso, o traçado urbano da cidade teve algumas melhorias; ruas foram abertas, casas foram construídas e novos comércios foram surgindo e, a população foi crescendo.

Com isso, o antigo e pequeno cemitério já não tinha espaço para enterrar mais ninguém. Diante desse fato, foi destinado outra área para fazer-se um novo campo santo, bem mais amplo e projetado para comportar, por várias décadas, as pessoas que fossem morrendo.

Na antiga necrópole, havia jazigos de coronéis e de famílias tradicionais na cidade; ambos seriam levados para o novo campo santo, porém como o antigo cemitério seria destruído, fazia-se necessário retirar todos túmulos e levá-los para o novo local.

Após essa decisão, começaram a remover os túmulos para o novo campo santo. E, de propósito deixaram por último a sepultura do tal homem que era a maldade em pessoa. Quando foram abrir sua cova para retirar os seus restos mortais, tiveram o maior susto do mundo, pois, embora já tivessem passados sete anos, o caixão ainda estava intacto e, o susto maior tiveram quando abriram a tampa do caixão e depararam com o corpo todo seco, com a pele decrépita sobre os ossos e a boca aberta e um ar de maldade em seu semblante.

Os coveiros ficaram amedrontados ao ver ali tamanha monstruosidade.

Em pouco tempo, o pequeno cemitério ficou repleto de curiosos para ver aquele corpo seco. Moradores mais antigos da cidade, comentavam que o corpo estava daquele jeito, devido à maldição que a cigana conjurou sobre aquele homem.

Ao verem aquele corpo seco, as famílias tradicionais da cidade ficaram horrorizadas e indignadas e, não deixaram que ele fosse removido para a nova necrópole; não queriam que uma pessoa amaldiçoada ficasse no mesmo lugar, onde entes queridos estavam para o descanso eterno.

Diante dessa situação, os coveiros acharam por bem queimar o tal corpo, pensando que assim a maldição tivesse fim. Correram no armazém mais próximo e trouxeram querosene para queimar o caixão e o corpo seco que estava dentro. Atearam fogo e, enquanto queimava sentaram a sombra de uma árvore para descansar. Quando o fogo cessou voltaram à tumba e levaram um susto tão grande que saíram correndo do cemitério aos gritos.

Algum tempo depois, os coveiros retomaram a coragem e voltaram ao cemitério junto com o padre da cidade, que também ficou horrorizado ao ver o corpo seco intacto sem nenhuma queimadura; o fogo havia queimado somente o caixão e os restos de roupas que o tal homem estava vestindo.

O padre disse aos coveiros que aquele corpo amaldiçoado não poderia ir para o novo cemitério e também não poderia ficar ali. Pediu para que eles esperassem o

escurecer e retirassem aquele corpo seco para fora do cemitério e, levassem-no para uma mata próxima da cidade, onde seria enterrado novamente. E, assim o fizeram. Ao escurecer, os coveiros juntamente com o padre, pegaram o corpo e levaram-no para a mata e, bem no meio dessa mata o enterraram; não colocaram cruz e nenhum outro tipo de objeto marcando o local, justamente para ninguém nunca achar o corpo. Foram embora e deram por encerrado essa questão. Disseram a população que o corpo foi queimado e que não havia mais maldição.

Sete anos depois, alguns caçadores estavam andando pela mata e encontraram o tal corpo-seco pendurado em uma árvore velha. Ao verem aquela cena mórbida, saíram correndo; voltaram rapidamente à cidade e, foram atrás do padre para contar o ocorrido. O padre pediu a eles que contassem com detalhes o que haviam visto e, pensou: “não pode ser o tal corpo seco, que enterramos, bem fundo, há muitos anos “.

No outro dia, voltaram à mata e não acharam mais o corpo; rapidamente a notícia correu por toda a cidade e, em pouco tempo, a mata foi considerada assombrada; por muitos anos, ninguém se atrevia a ir lá, diziam que a noite era possível ver o tal corpo seco andando pela mata.

Esse assunto se tornou corriqueiro, todos na cidade sabiam da história. Com o passar do tempo, o padre que havia enterrado o corpo na mata foi embora da cidade, mas antes de ir, contou a seu substituto o que havia acontecido, relatou todos os detalhes a ele.

Um certo dia, o novo padre conversando com os coveiros, resolveram tirar essa história a limpo, retornaram ao local onde haviam cavado a cova, para verificar se o corpo realmente estava lá, ao abrirem a cova assustaram-se ao ver que ela estava vazia; quando olharam para trás, viram o corpo pendurado em uma árvore.

O padre pensou: “dessa vez vou te colocar num lugar que não terá como sair”. Então, retiraram o corpo da árvore, enrolaram-no num lençol branco, amarrando com cordas e removeram-no da mata, levando-o para bem longe da cidade.

Ao percorrerem um longo caminho, chegaram a uma serra onde havia uma caverna e no fundo dessa caverna cavaram uma cova bem funda e nela colocaram o corpo. Antes de tampar a cova, colocaram sobre o corpo, uma cruz, um crucifixo, um terço e uma bíblia e, depois de cobrir a cova com terra e pedras colocaram ao seu redor várias cruzes. Ao saírem da caverna lacram a entrada com pedras.

E, desde então, esse corpo seco permanece lá aprisionado e amaldiçoado com suas maldades, esperando um dia ser perdoado por Deus, de seus pecados e libertado de sua maldição.





A Quaresma

Weliton Cândido Mendes.

A quaresma esconde muitos mistérios e superstições ao longo dos anos. Alguns acreditam em Mulas sem Cabeça, Lobisomem, Espíritos Malignos soltos, Porcas Monstruosas que punem maridos infiéis, entre outros.

Essa história se passou exatamente em um povoado perto da minha cidade. A família de André era muito religiosa, embora ele fosse cético nas suas crenças, seu pai, Márcio, sua mãe Maria Tereza e sua irmã mais velha, Renata, tinham uma religiosidade de dar gosto, frequentavam a missa todos os domingos, comungavam, confessavam-se e pagavam suas penitências. Apesar de André também ter sido criado por uma família cristã, ele não comungava da mesma fé, nem mesmo acreditava em Cristo ou em qualquer divindade.

Dona Tereza, nos quarenta e cinco dias de quaresma, respeitava todos os ensinamentos e fazia sua penitência, não desafiava e nem tinha essa vontade, assim como toda a família, com a exceção de André, que achava tudo um exagero. Enquanto todos não faziam uma porção de coisas nesses dias, como por exemplo, não comer carne vermelha, André preparava sua carne e a comia normalmente, acreditando que o que fazia mal era o que saía pela boca e não o que entrava. Dona Tereza não entendia como André pensava tão diferente de toda a família e não sabia de onde vinha tanta rebeldia entranhada na sua alma.

Às vezes, ao cair da noite, a família se sentava à beira do fogão a lenha para contar histórias e passar os ensinamentos bíblicos; o pai Márcio, já com seus quase sessenta anos de vida, já tinha visto e conhecido muita coisa da vida, assim contava histórias arrepiantes de pessoas que não respeitavam os ensinamentos, pessoas que viam espíritos rondando nas matas, entre outros. Para André tudo besteira, superstição tola.

Finalmente, chegou a última semana da quaresma, a semana tão aguardada pelos católicos e que intensificavam os cuidados para não infringirem nenhuma regra. Diz algumas lendas que em dois dias específicos não se pode fazer uma porção de trabalhos braçais nem sacrifícios de animais. E, a Sexta-feira Santa chegou e, com ela, as atitudes avessas de André; ele levantou cedo e foi tirar leite e, logo em seguida, estava em mente matar um porquinho para o almoço, mesmo sabendo que ninguém da sua casa iria comer a carne, nessa semana da Sexta-feira Santa ninguém come carne vermelha de espécie nenhuma, a carne vermelha é substituída por peixe. André estava cansado de saber disso e fazia de tudo para desafiar a crença de sua família.

Vendo as atitudes de seu filho, Dona Tereza sentiu um aperto no peito, como se sentisse que algo estranho aconteceria, caiu de joelhos pedindo a Deus para que perdoasse o filho acreditando que o filho estava travando uma guerra divina. Apavorada com a atitude do filho, chamou Renata, sua filha mais velha, para ajudá-la na oração e no pedido para que Deus perdoasse seu filho.

Quando terminou a oração, foi atrás do filho para impedir que ele sacrificasse o porquinho já que ele já estava tirando o leite. André já havia terminado de tirar o leite, antes de sua mãe chegar notou um silêncio ensurdecedor, não se ouvia nenhum passarinho catando. No entanto, ele nunca tinha prestado atenção nas Sextas-feiras Santas, pensou por um minuto que a mãe tinha razão, já que ela sempre dizia que nem os passarinhos cantavam na Sexta-feira Santa, em respeito à morte de Cristo; porém, pensou melhor e seguiu em frente, pensando que se fosse verdade quaisquer indícios de que a mãe estava certa, haveria um sinal. Enfim, sua mãe chegou implorando para que ele parasse com o serviço, para que deixasse para o outro dia. Ele respondeu que seguiria firme com as tarefas do dia a dia, e que nenhuma superstição boba o pararia.

Foi colocar o último balde de leite no latão, porém quando o abriu para colocar o leite, ele viu por um minuto o leite da cor de vermelho sangue, parou por um segundo atônito, piscou olhou de novo avistou o leite da cor natural, piscou novamente, viu mais uma vez o leite em sua cor natural, pensou que tinha ficado impressionado com o apavoramento da mãe em insistir para ele não realizasse suas tarefas diárias, tampou o latão e seguiu fazendo o que tinha planejado para aquele dia.

Dona Tereza, mais uma vez, insistiu para que o filho não matasse o porquinho, porque de todos, o sacrifício do animal seria o maior pecado de todos, mas, mais uma vez ele não lhe deu ouvidos e seguiu em frente. Chegou no chiqueiro, por

alguma razão a porta que era de uma madeira velha, mas que até então nunca havia emperrado, emperrou, não querendo abrir e, quando finalmente conseguiu, os outros suínos que se encontravam no chiqueiro cercou o leitão que ele tinha marcado para morrer naquele dia. Ele demorou até tirar o leitãozinho de dentro do chiqueiro. Geralmente, os leitões grunhem muito, porém esse não deu um grunhido sequer. Chegando no local que iria abater o animal, ele estava com um punhal muito afiado em sua mão, já preparado para acertar o coração do pequeno porco, quando parou, pensou por alguns segundos, como se estranhasse várias coisas estranhas naquele dia até aquele momento, mas com punhal em sua mão esquerda acertou o coração do animalzinho, que não deu nenhum grunhido sequer. André notou que o bicho sangrava muito, esperou alguns minutos, mas o porquinho não morria, acertou mais uma vez, esperou mais alguns minutos e o porco mesmo sangrando muito ainda estava vivo. Dona Tereza olhando a cena ajoelhou pedindo perdão por seu filho; André então olhou dentro dos olhos do suíno, viu uma chama se formando dentro do olho do bicho e logo em seguida se apagando, até que seus olhos fecharam para sempre e a partir desse momento, André então nunca mais pronunciou uma só palavra.





Conto folclórico

Werik Ramos da Silva

Quem nunca passou por um aperto que atire a primeira pedra. De minha parte, vou logo contando o que passei, há anos, quando ainda rompia a infância, preparando-me para a puberdade.

Naqueles idos tempos que mesclavam a vida da cidadezinha e os campos da roça, caipira e goiana por sinal, as notícias corriam a passos de burro e as crenças misturavam-se à realidade. Tomávamos um cuidado tremendo para não pegarmos friagem nos pés em dias de chuva, ou, ainda, evitávamos brincadeiras ao redor das fogueiras para não molharmos os colchões durante a noite.

Ocorreu que, certo dia, fomos informados sobre uma andança de santo lá pelos confins de não sei onde. Menino ainda, qualquer lugar para mim não era lugar algum. Lembrome bem que o tal santo já estava bastante cansado e, por isso, faria um pouso na fazenda de alguém rico, farturento e bonachão. Minha mãe deu de ficar no pé do meu pai para irmos ver esse santo. Fiquei imaginando quantas milagrosas curas haveriam de acontecer, mas minha mãe não parecia doente, por certo pretendia uma solicitação ao sobrenatural.

A cidade se movimentou bastante e acredito que todos os moradores se encaminharam para a propriedade que recepcionaria o dito cujo. No caminho, fui imaginando de que maneira seria aquele “pouso” de que tanto se falavam.

Perguntei ao meu pai se na fazenda existia aeroporto, ele sem entender, respondeu que achava que não. Isso me deixou ainda mais confuso.

Ao chegarmos, fiquei atordoado com as centenas de crianças a correrem de um lado a outro. Algumas riam às alturas, mas a maioria se esgoelava à procura de esconderijo. Essa confusão ocorria no terreiro da fazenda, entre a casa e a última porteira de acesso, enquanto que lá próximo à porta de entrada havia uma cantoria ensaiada, ao som de violas desafinadas e uma zabumba retumbante. Reparei bem que os adultos se concentravam à porta, enquanto a meninada pelejava mais distante.

Meus pais, rapidamente, juntaram-se à cantoria, deixando-me para trás, tentando entender o que se passava com as crianças. Eu já palpitava extasiado vendo aquela algazarra pueril. Notei que os púberes desciam o aclive do terreiro até a entrada onde se aglomeravam os adultos e voltavam em uma desabalada carreira, algumas aos berros em visível terror. Confesso que essas me assustaram e imaginei que o santo poderia não ser afeto a infantes. Como não dava tempo para interrogatórios, decidi entrar naquela insana brincadeira, afinal, sempre fui bom em corridas e não seria um santinho mequetrefe que iria me assustar.

Depois de algumas idas e vindas sem ter visto nada além de adultos e crianças, aparentemente normais, mesmo chegando bem perto ao epicentro de onde os mais experientes se afunilavam, apertando-se por entre os convivas, alguns dos chorões já haviam se aquietado por entre as pernas de seus

pais, ficando às espreitas com os olhos bastante esbugalhados, temerosos por algo. Meu ritmo era alucinante e o frenesi das idas e voltas, correndo sabe-se lá de que, deixou-me fervorosamente atordoado, e não percebi que a quantidade da tropa estava bastante reduzida. Nisso, acabei sendo empurrado à frente do grupo e me enfiaram no meio dos adultos, fazendo com que eu rompesse a camada protetora e me visse bem à porta de entrada onde deparei-me com alguns velhos violeiros dedilhando as emborcadas violas, cobertos com seus chapéus de palha gasta e vestidos com camisas de manga comprida, bem ao estilo caipira da nossa época.

Esse deve ter sido o pior encontro da minha curta vida, pois bem ali, ao lado dos tocadores, apresentou-se a criatura que causava todo aquele alvoroço nos mais novos. A primeira coisa que vi e que se tornou motivo para inúmeros pesadelos futuros, foi o tamanho desproporcional do seu rosto acartonado, com barba densa no queixo e grossas sobrelanceias. Os olhos não eram de santo e sim de demônio, e eu soube disso no primeiro instante que vi, pois me causaram um princípio de paralisia no corpo. Tentei me virar em direção ao caminho por onde entrei, contudo, minhas pernas não respondiam, enquanto meu estômago se comunicava com meu coração, um em calafrios e o outro em palpitações. A criatura era tão feia e carregava em suas vestes um tom tão facínora que a única coisa que consegui fazer foi balbuciar um” *ai, meu Deus!*” Mas, infelizmente, o pior ainda estava por vir. Em sua mão havia um chicote de uns dois

metros de comprimento que a todo momento era lançado ao léu serpenteando o ar, causando estalidos perturbadores.

De repente, fui surpreendido pela atenção daquele ser sobrenatural, que reagiu instantaneamente e veio em minha direção, com os olhos enraivecidos pela minha transgressão. Mas a conexão entre meu cérebro e minhas pernas ainda não havia se restabelecido, e fiquei lá parado, já com o mesmo choro dos meus antecessores. Isso tudo não durou mais que alguns segundos, mas para mim foi uma eternidade.

Quando eu já seria ofendido, uma mão adulta me puxou para o lado, e a criatura passou direto em direção ao restante da meninada que estava atrás, fazendo com que todos corressem para fora do aglomerado. Ainda ouvi um estalido do chicote castigando o ar ou alguma das crianças, mas não tive essa certeza. Dalí, corri para o carro, tranquei-o por dentro e fiquei ali até mais tarde, quando a cantoria já havia se acabado e meu pai veio me buscar. Perguntei a ele sobre a criatura e ele me disse que não havia nada, e que eu podia ir com ele e, realmente, não havia mais criatura por ali. Depois eu soube que, naquela noite, não havia apenas um, mas dois seres endemoniados atrás de crianças, e fiquei pensando onde estaria o tal santo que minha mãe queria ver que não nos protegeu?

The background of the page is a complex, abstract pattern of swirling, smoke-like or ink-like forms in shades of black, grey, and white. These patterns are most prominent at the top and bottom edges, framing the central text. The overall effect is artistic and textured.

Autores e Autoras



Carmen Lúcia Freitas de Mendonça nasceu em Morrinhos, Goiás. Formou-se em Letras e Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituiutaba, Minas Gerais. Fez mestrado em Ambiente e Sociedade, na Universidade Estadual de Goiás. Já publicou

vários livros: Descubra Larbac, em 1991, de literatura infanto-juvenil. Coleção Bem-Te-Vi, composta de oito livros, abordando a Iniciação Religiosa, Ecologia, Artes e Peças Teatrais, destinados ao primeiro segmento do Ensino Fundamental, em 1992. Foi docente na UEG – Campus Morrinhos num período de vinte anos- 1996 a 2014 e 2016 a 2018. Como docente, foi Coordenadora do curso de Letras e do Núcleo de Direitos Humanos UEG- Campus Morrinhos, Ministrou várias disciplinas no curso de Letras-Orientação para Estágio Supervisionado, Literatura Brasileira, Didática, Psicologia e Estágio Supervisionado. Desenvolveu, durante vários anos, Projetos de Extensão: Leituras, Ecologia e Literatura como: Campo de Conhecimento, Reflexão e Inclusão Social na UEG- Campus Morrinhos. Em 2019 esteve na Universidade de Viana do Castelo em Portugal, apresentando uma análise da animação “Vida de Maria”. Lançou livros, em 2004 “Morrinhos na Arte de Escrever Bordando” e em 2019 “Morrinhos nos Bastidores da Arte Bordada”; Editora Kelps. Tem publicações nas Revistas da AML-Academia Morrinhense de Letras em sete Edições (2015 a 2023). Publicou “Arte e Poesias em Haicais,” 2022. Editora Kelps. “Perversidade: em Comportamento Social, Uma História Real”. 2023 Editora Kelps. Organizadora do livro, “Morrinhos na Arte Culinária”, 2023 Editora Kelps. “Conexões,” 2024 Editora Kelps.



Camila Souza é escritora, professora e pesquisadora. Mestranda em História pela Universidade Estadual de Goiás na linha de pesquisa Cultura, Religião e Sociedade. Licenciada em História pela mesma instituição. Atualmente, desenvolve pesquisas sobre o protestantismo no início do século XX. Sua escrita é voltada para contos de fantasia, ficção e mistério.



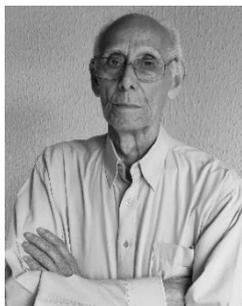
Cayto Divino da Silva é Graduado em Licenciatura plena em Matemática. Pós-graduado em educação inclusiva. Também pós-graduado em metodologia do ensino da matemática. Professor concursado no município de Cristianópolis/GO. Professor de ensino fundamental e cursinho preparatório para concursos públicos. Casado com Rosana Aparecida dos Reis. Avô de quatro lindos netos: Davi, Helena, Tarcísio e Gabriela.



Cleusa Marina Silva Freitas nasceu em Morrinhos em 05/06/1956. Seus pais: João Afonso da Silva e Maria Luiza da Silva. É casada com Cleumar Gomes de Freitas e possuem três filhos: Tiago, Maria Cecília e João Gabriel da Silva Freitas. Possuem duas netas, gêmeas, filhas do Tiago e Laura: Mariana

e Maria Luísa. Cleusa viveu a sua infância na Fazenda Vinagre, perto do Povoado do Currião. Fez seu curso primário no Grupo Escolar José Cândido. Lembra, com saudade, de suas professoras de então: Jacinan Troncoso, Maria da Purificação F. Borges, Maria Helena Saldanha, Cleide e Elza Silva. O curso ginásial foi cursado no Colégio Estadual Xavier de Almeida, com grandes mestres como: Zilda e Nilza Diniz, Jair de Freitas, Mariza Villefort, Halina Felter, Bruno Vieira, Gildo Xavier, Brasilino Dallara, dentre outros. O segundo grau (Técnico em Magistério) aconteceu parte no Ginásio Senador, com seu diretor Pe. José Luiz Nemes e parte no Colégio Sylvio Gomes de Mello, sob a direção de Sonia Sampaio Xavier de Oliveira. Ali fez parte de agremiações e do Centro Cívico da Escola. Foi funcionária do Banco do Brasil por trinta anos. Nesta época fez vários cursos, por correspondência, com o grande gramático Napoleão Mendes de Almeida, na área de Língua Portuguesa e Latim. Também participou da Fundação Banco do Brasil, atuando como Instrutora do BB-Educar com atuação em cursos de Formação para Alfabetização de Jovens e Adultos, notadamente no norte/nordeste do país: Bahia, Piauí, Ceará, Pará. Sempre atuou junto a movimentos da igreja Católica e por vários anos (cerca de 15 anos) auxiliou no Programa Voz da Paróquia e editoria no Jornal Informativo Voz da Paróquia. Colaborou, com artigos, em jornais da cidade. Participou de vários concursos literários e recebeu várias menções honrosas e também foi vencedora em concursos de poesia e contos/crônica. Em 1998, prestou vestibular na UEG, para o Curso de Letras e ali, também, fez pós-graduação na área de Estudos da Língua Portuguesa: A Língua Materna na Sala de Aula. Teve resenha crítica publicada em livro sobre a obra Mar Morto de Jorge Amado, com o título “Amado Jorge Amado”.

É membro fundadora da Academia Morrinhense de Letras. Faz parte da SDLM – Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos. Participou por 22 anos do Lions Club de Bom Jesus, Goiatuba e Morrinhos. Hoje participa do Rotary Club de Morrinhos “Cidade dos Pomares”, como rotariana e dama rotária (hoje na função de presidente) da sua respectiva Casa da Amizade. É presidente da AFM – Associação Feminina de Morrinhos. Foi professora na UEG por 12 anos, no Curso de Letras, tendo exercido também ali a função de Coordenadora do Curso. Hoje é professora de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual do CEM – Colégio Equilíbrio de Morrinhos.



Edmo Nunes nasceu na zona rural de Uberlândia – MG em 14 de fevereiro de 1938. Juntamente com a família mudou-se para Buriti Alegre, cidade situada no sul de Goiás, com apenas seis anos de idade. Daí, por falta de melhores escolas, veio para Morrinhos para estudar no Ginásio Senador

Hermenegildo de Moraes, onde cursou o antigo primário e ginásial. Ainda em Morrinhos, fez o curso técnico de contabilidade e concurso para o Banco do Brasil onde serviu até o ano de 1988. Casado com Maria Isidora Nunes, natural de Morrinhos, é pai de cinco filhos, tem 8 netos e quatro bisnetos. Foi sempre aficionado pela leitura e também pela escrita, embora tenha iniciado na arte da escritura somente aos setenta anos de idade. Para esta atividade deve muito aos

incentivos de sua esposa e da filha Elaine, que nunca pouparam argumentos para que surgisse o primeiro livro, *Mulheres do Pecado*. Depois vieram *Destino de um Criminoso*, *Últimas Bodas e Vidas Perdidas*, portanto quatro livros publicados. Em 2016, foi convidado a participar da Academia Morrinhense de Letras, ocupando a cadeira de número 26 e tendo como Patrono o radialista, compositor e poeta Chico Flor.



Chamo-me **Francisca dos Santos Cruz Silva**, tenho 40 anos, resido em Caldas Novas (GO). Sou nordestina do Estado do Maranhão. Sou estudante de Letras em Morrinhos (GO). Gosto de escrever, escrevo desde os 12 anos.

Meu grande sonho é ser bem vista pela minha escrita e ser uma profissional importante e ser bem conhecida na área da educação como professora.



João Pedro Martins Moura, nascido em 2008 na cidade de Morrinhos/Go. Suas principais inspirações para escrever o conto foram os romances e contos de Gabriel García Márquez e as histórias de infância de seu avô.



José Henrique Rodrigues Machado é

Professor. Coordenador de Integração Curricular do CEPI Dom Pedro II. Coordenador do NUPEEX – Núcleo de Pesquisa, Estágio e Extensão da Faculdade Integra, Doutor em Performances Culturais, pela Faculdade de Ciências Sociais, UFG – Universidade Federal de Goiás. Em Estágio Pós-Doutoral em Ciências da Religião, PUC/Goiás – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Em Estágio Pós-Doutoral em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, UEG – Universidade Estadual de Goiás. Mestre em História, PPGHIS/UEG – Universidade Estadual de Goiás. Especialista em Direito – Educação para a Diversidade e Cidadania, UFG. Especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do Trabalho, UFPI – Universidade Federal do Piauí. Especialista em Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho, UFPI – Universidade Federal do Piauí. Especialista em Matemática, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho, UFPI – Universidade Federal do Piauí. Especialista em Ciências da Natureza, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho, UFPI – Universidade Federal do Piauí. Especialista em Neurociência Aplicada à Educação. Especialista em Ciências da Religião. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. MBA – Master Of Business Administration Executivo em Gestão da Psicologia Organizacional. Graduado em Letras, Línguas Portuguesa/Inglesa e Literaturas, UEG – Universidade Estadual de Goiás. Graduado em Pedagogia. Graduado em Ciências Sociais. Graduado em Artes Visuais. Pesquisador no

Grupo de Pesquisa Historicidade: Educação, Memória e Relações de Poder (HEM/UEG). Membro da Academia Morrinhense de Letras, Cadeira 10. Membro Correspondente da Academia de Letras do Amazonas, Cadeira 235.



Katiane Tavares da Silva Cunha

é Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Goiás (PPGHIS/UEG); Licenciada em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG); Professora no Centro de Ensino em Período Integral do

Rio Quente; Possui diversos artigos publicados em diferentes meios; Mãe de três filhos: Kamylla, Luiz Ricardo e Ana Júlia; Ama sua profissão, estar com as pessoas que ama e, principalmente, cuidar de seus netinhos: Augusto, Liz e Luara.



Kleber Inácio Da Silva

Estreou na carreira acadêmica como coautor do artigo científico — "As plantas medicinais na feira de Morrinhos", com o objetivo de resgatar a cultura da arte milenar medicinal. Possui licenciatura plena em História pela Universidade

Estadual de Goiás – UEG. Ao terminar o curso, publicou o artigo científico — "A arte de se colocar no lugar do outro". Iniciou os estudos de pós-graduação Lato Sensu em — "História e Cultura Afro-Brasileira". Posteriormente, publicou o artigo científico — "Desafios e estereótipos no

ensino da História da África". Escreveu também capítulos de livros. Possui outra pós-graduação Lato Sensu em Literatura Brasileira. Atualmente, é estudante de Filosofia.

Posteriormente, dedicou-se ao seu segundo sonho: a literatura. Atualmente, tem quatro obras literárias publicadas: "O outro - Várias faces de uma mente", "Novo Gênesis: O sinal", "Necronomicon em Netvilly" e "Novo Gênesis – Seres do Abismo". Também publicou o livro científico-filosófico "O Abismo da Melancolia: Explorando a Dualidade Humana na Busca por Felicidade e Aceitação". Participou da organização do livro — "Morrinhos – Cidade dos pomares e seus valores" e organizou a antologia poética Lembranças, reunindo autores de todo o Brasil e Angola. Organizou a antologia de não ficção com autores de várias partes do Brasil, intitulada "Quem é Deus?". Publicou o conto — "O último amor que se tornou o primeiro", na antologia Meu Primeiro Amor. Diversos contos de sua autoria estão disponíveis na Amazon, no formato Kindle.

Além disso, é colunista de literatura no site nerd — "Xibé Nerd" e colunista político no site — "O Bastião", com presença nas redes sociais. Atualmente, ocupa a cadeira 21 na Academia Morrinhense de Letras.



Laura Lino de Oliveira nasceu em julho na cidade de Morrinhos em Goiás. Sempre gostou de ler e escrever contos sobrenaturais e ambientados na Idade Média. Começou a escrever seus contos aos 15 anos. Em 2023, lançou seu primeiro livro, **Obsessão do Século**. Para Laura, escrever é uma forma de dar vida aos seus personagens.



Meu nome é **Nathalia Oliveira Santana**, nasci em 02 de outubro de 2006, tenho 17 anos e estou cursando a 3º série do Ensino Médio. Eu amo ler, gosto muito de livros fictícios e com um pouco de terror e suspense. A minha inspiração para esse conto veio justamente por meio desses livros que tenho o costume de ler, em que muitos deles, retratam a natureza e os malefícios que as pessoas fazem a ela; claro que nos livros há alguma punição para esses atos. E assim surgiu o: *Curupira e sua vingança contra os invasores da floresta*.



Paulo Tércio Martins é técnico em contabilidade, nascido em 18-02-1954, no município de Goiatuba – GO; boa parte da infância passada no meio rural, ajudando seu pai que era um trabalhador do campo. Morou por algum tempo em Brasília-DF e teve como primeiro emprego de carteira assinada na extinta CASEGO. Depois trabalhou na Cooperativa Mista dos Produtores de Soja de Goiatuba – COMPSGOL, na Cargill Agrícola, na Somisa em Morrinhos, Grupo Saran, Prefeitura Municipal de Morrinhos e Associação Comercial de Morrinhos. Atualmente está aposentado. É casado e pai de dois filhos. Membro da Academia Morrinhense de Letras – AML, com várias crônicas publicadas em periódicos locais.



Wander Oliveira Melo é Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Goiás (PPGHIS/UEG); Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior (FACULDADE INTERVALE); Licenciado em História (UEG); Bacharel em Direito (FAFICH/UNICERRADO). Membro do Grupo de Pesquisa CNPq/CAPES - Historicidade: Educação, Memória e Relações de Poder (HEM/UEG); Historiador, Pesquisador, Escritor: Folclorista, Contista e Poeta. Membro da Academia Morrinhense de Letras – Cadeira nº 07. Membro da Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos. Coautor do livro, **Morrinhos: Economia e Política (1870/1970)**, publicado em 2014. Autor do livro, **Poemas e Reflexões Contemporâneos**, publicado em 2015. Autor do livro, **Vinte Contos da Cachoeira**, publicado em 2015. Coautor do fotolivro, **A História de Vila Bela Através da Fotografia**, publicado em 2016. Organizador do livro, **Morrinhos na Arte Culinária**, publicado em 2023. Autor do livro, **Treze Contos de Arrepiar**, publicado em 2024. Autor do Livro, **Política Estadual e Poder Local: Os Efeitos da Revolução de 30 na Reconfiguração de Poder em Morrinhos-GO**, publicado em 2024. Também possui 4 capítulos de livros publicados, 5 textos publicados em jornais de notícias, textos publicados em todas as edições da Revista da AML e apresentação de trabalho em Fórum / Seminário de Programa de Pós-Graduação em História do Centro-Oeste.



Weliton Cândido Mendes, Graduado em Letras Português/Inglês, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Pós-Graduado em Língua, Linguística e Literatura, pela Universidade Batista de Minas Gerais.



Werik Ramos da Silva nasceu em Morrinhos, estado de Goiás, em 23/10/1978. Estudou na Escola Eudócio de Figueiredo até a 4ª série. Coursou da 5ª à 8ª séries no Ginásio Senador Hermenegildo de Moraes e do 1ª ao 3ª anos do ensino médio no Colégio Estadual Sylvio de Melo.

Graduou-se em Letras pela Universidade Estadual de Goiás em 2001. Concluiu o Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Estado de Goiás em 2003 e o bacharelado em Direito no ano de 2013. Possui pós-graduações em áreas distintas do conhecimento. Casado, pai e ainda filho, divide o tempo com a família e o serviço público, dedicando-se a contribuir com a comunidade em que vive. Apaixonado pela Literatura brasileira, principalmente a machadiana e a drummondiana, começou a escrever ainda cedo. Publicou, em 2023, o seu primeiro livro de contos intitulado *O Encontro e Outras Histórias*. Tornou-se imortal na Academia Morrinhense de Letras ainda no ano de 2023, passando a ocupar a cadeira de nº 20.